

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MARIA HELENA QUILIÃO

“VINDE A MIM OS PEQUENINOS”
UMA CONTRIBUIÇÃO TEOLÓGICA E PSICOLÓGICA AO
ESTUDO DA INFÂNCIA

São Leopoldo

2013

MARIA HELENA QUILIÃO

“VINDE A MIM OS PEQUENINOS”

UMA CONTRIBUIÇÃO TEOLÓGICA E PSICOLÓGICA AO
ESTUDO DA INFÂNCIA

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Dimensões do Cuidado Pastoral e Diaconal

Orientadora: Dra. Karin Wondracek

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q6v Quilião, Maria Helena
"Vinde a mim os pequeninos": uma contribuição
teológica e psicológica ao estudo da infância / Maria
Helena Quilião ; orientadora Karin Wondracek. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2013.

60 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Loder, James E. (James Edwin), 1931-. 2.
Psicologia do desenvolvimento – Aspectos religiosos –
Cristianismo. 3. Crianças – Desenvolvimento. I.
Wondracek, Karin Hellen Kepler. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RESUMO

Esta pesquisa focalizou a obra de James Loder e sua proposta teológica quanto ao desenvolvimento humano. Por não possuir até o momento, tradução em português, houve o desejo de divulgar essas ideias à população em geral. Esse trabalho teve como alvo apresentar contribuições para o estudo da infância, salientando tanto aspectos psicológicos quanto teológicos. No primeiro capítulo ressaltamos as contribuições psicológicas quanto ao desenvolvimento, contando com a Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud e a Teoria Psicossocial de Erik Erikson. Já no segundo capítulo, trabalhamos o aspecto teológico, apresentando as valiosas contribuições do teólogo James Loder. Loder propõe em sua teoria denominada “lógica do espírito” uma interpretação teológica das capacidades humanas de criar e construir soluções inteligentes para sair do caos. Todos os avanços científicos e tecnológicos são resultantes da busca do homem em conectar-se com uma realidade maior, inquieta-nos a finitude e a solidão. Loder com sua proposta conecta os conhecimentos já aceitos da psicologia com a teologia. Outro ponto muito importante na teoria loderiana é a questão referente à relacionalidade, há uma inegável relação entre o espírito humano e o Espírito Divino, entre o homem e Deus. No terceiro capítulo reunimos as pesquisas em forma de material que pode ser usado tanto para estudo quanto para palestras dirigidas ao público leigo. O objetivo é favorecer o conhecimento de que há uma lógica no espírito humano, lógica essa que busca tirar o ser humano do caos, do egocentrismo e da autodestruição, e lhe dar uma existência equilibrada, saudável e feliz na relação com Deus.

Palavras-chave: Teologia, Psicologia, Infância.

ABSTRACT

This research has used the James Loder's literary work and his theological proposal about human progress. In the moment there is no translation to portuguese, so this is the reason to propagate these conception for whole population. This essay aims to introduce study of childhood, accentuating psychological and theological's aspects. The first chapter was analyzed psychological contribution and its progress, which was used Sigmund Freud's Psychoanalytic Theory and Erik Erikson's Psychosocial Theory in this research. The second chapter the psychological aspect was researched presenting rich contribution from the theologian James Loder. Loder propose in his theory "The Logic of the Spirit" a theological definition about the capacity of the human to create and build smart solution to save himself from the chaos. Scientific and technological progress are the search result from human to connect with a superior reality, restless finite and seclusion. Loder with his proposal connect knowledge already accepted by psychology with theology. Another very important point in the Loder's theory is about relationality, there is an undeniable relation between human spirit and Divine Spirit, between man and God. In the third chapter was gathered research that can be used to study or lectures for lay public. The objective is support the knowledge that there is logic in the human spirit, logic which search save the human being from his chaos, from egocentrism and his self destruction, and give him a balanced existence, healthy and successful relationship with God.

Keywords: Theology, Psychology, Childhood.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 DESENVOLVIMENTO HUMANO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA.....	8
1.1 Sigmund Freud e a Psicanálise.....	9
1.2 Desenvolvimento da Sexualidade Infantil.....	10
1.3 Erik Erikson e a Teoria Psicossocial.....	14
1.4 Estágios de Desenvolvimento do Ego.....	16
1.4.1 Infância: nascimento aos 18 meses: Confiança versus Desconfiança.....	17
1.4.2 Dos 18 meses aos três anos: Autonomia versus Vergonha e Dúvida.....	18
1.4.3 Dos três aos cinco anos: Iniciativa versus Culpa.....	19
1.4.4 Dos seis aos doze anos: Operosidade versus Inferioridade.....	20
1.5 Em busca de integração: Teologia nos Fundamentos Psicológicos.....	22
1.6 Considerações Finais.....	23
2 ESPÍRITO HUMANO NA ÓTICA DA TEOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES DE JAMES LODER.....	26
2.1 Teoria Interdisciplinar de James Loder.....	28
2.2 Fundamentos Teológicos da “Lógica do espírito”.....	29
2.3 Fundamentos Científicos da “Lógica do espírito”.....	34
2.4 Fundamentos do Desenvolvimento humano e a “Lógica do espírito”.....	35
2.5 Considerações Finais.....	37
3 TEOLOGIA E PSICOLOGIA: TRÊS PROPOSTAS PRÁTICAS.....	40
3.1 CUIDADO MATERNO – “A face da mãe hoje e a Face de Deus amanhã”.....	41
3.2 TEOLOGIA E PSICOLOGIA – “O ego e o espírito na vida da criança.”.....	44
3.3 FÉ x OBRAS: “O que estimular em seu filho em idade escolar”.....	48
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
ANEXO 1.....	58
Contribuições de Erik Erikson:.....	58
1.4.5 Adolescência - 12 aos 18 anos: Identidade versus Confusão de Papel.....	58
1.4.6 Jovens adultos - 18 a 35: Intimidade e Solidariedade versus Isolamento.....	58
1.4.7 A Idade Adulta Intermediária - 35 a 55 ou 65: Generatividade versus absorção do Eu ou Estagnação.....	59
1.4.8 Fase de Adulta Final - 55 ou 65 anos à morte: Integridade versus Desespero.....	59

INTRODUÇÃO

A teoria sobre a “lógica do espírito” foi a mim apresentada, primeiramente, pela Dra. Karin Kepler Wondracek, durante o ano de 2008, na disciplina de Teologia do Desenvolvimento Humano, do curso de pós-graduação em Aconselhamento e Psicologia Pastoral da Faculdades EST.

Em 2009, concluí a pós-graduação. Mas confesso que a inquietação e o desejo em me aprofundar nos pensamentos do teólogo James Loder, só aumentaram. E naquele momento, durante as conversas com a Dra. Karin, nasceu a possibilidade de um mestrado que divulgasse a teoria sobre a “lógica do espírito”.

Eis que nasce o *Vinde a Mim os pequeninos* – uma contribuição Teológica e Psicológica ao Estudo da Infância. Com a inestimável colaboração da Dra. Karin Wondracek, tomei conhecimento da obra, a qual não possuí, até o momento, tradução em português.

As ideias de James Loder embasaram essa tese de mestrado. Inicialmente porque, devido ao fato de que como psicóloga formada desde 2002, a possibilidade de conceber o desenvolvimento humano não somente na perspectiva psicológica, mas também na teológica, me instigou.

Surpreendeu-me na teoria de Loder a ênfase sobre o poder imensurável que tem o espírito humano em superar crises e traumas. Isso “encaixava” o que por mim era verificado no consultório. A capacidade de “cura” que alguns indivíduos religiosos possuíam, frente a uma situação de crise ou trauma violentos. Loder responde com sua teoria, a uma indagação pessoal: “porque pacientes que contavam com a fé cristã eram mais resilientes”?

Outro aspecto que me atraiu profundamente para a “lógica do espírito”, é que enquanto profissional, tenho como referencial teórico a psicanálise, mas como cristã, não podia concordar com o determinismo presente nessa abordagem.

Loder propõe que se o homem se abrir para a ação do Espírito de Deus em seu espírito humano, certamente Ele nos dará “um futuro de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jr 29:11). E nisso sim eu posso acreditar, pois testemunho, em minha prática clínica a “cura” através da intervenção Divina na vida do homem.

E finalmente, o terceiro fator que me impulsionou a escrever essa tese, foi pelo fato de que Loder, e sua “lógica do espírito”, enfatiza que é inerente ao ser humano sentir solidão, vazio e inquietação a respeito das questões últimas.

Todos esses sentimentos são bem-conhecidos na prática, nos consultórios de psicologia e psiquiatria, mas a “lógica do espírito”, enfatiza que o único modo do ser humano sair do egocentrismo e da autodestruição, é buscar respostas para seus anseios e indagações, abrindo-se para o Sagrado. Somente na relacionalidade com Deus o homem encontra o sentido mais profundo em viver.

Por todos esses fatores, construímos a tese: “*Vinde a Mim os pequeninos* – uma contribuição Teológica e Psicológica ao Estudo da Infância”, trabalhamos em três tempos: 1. Desenvolvimento Humano e Psicologia: que traz a contextualização da psicologia e a análise do desenvolvimento humano a partir das contribuições de Sigmund Freud e Erik Erikson. 2. Teologia e o espírito humano: neste tópico trouxemos as principais ideias do teólogo James Loder e as valiosas contribuições da Dra. Karin Wondracek, Matthew Rehbein e Leticia Cartell, os únicos até o momento, a publicar obras a respeito da “Lógica do espírito” em português. 3. Teologia e Psicologia: Três Propostas Práticas: o qual foi elaborado como um material de uso tanto como estudo quanto como palestra, dirigido a pais, educadores infantis e demais interessados em contribuir na condução de nossos pequeninos ao colo do Pai.

Nosso desejo é que esse trabalho chegue ao grande público e ajude o entender o ser humano, na tríade: corpo, alma e espírito. E que somente quando o espírito humano se abre para o Espírito de Deus, é que é possível chegar à vida plena, feliz e saudável.

1 DESENVOLVIMENTO HUMANO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

Para analisarmos o curso do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia, inicialmente faremos a contextualização histórica dessa ciência.

Costa¹ afirma que por causa de suas interpretações sobre o conhecimento, sensação e memória, Aristóteles é considerado por muitos historiadores como sendo o Pai da Psicologia, embora essa expressão só tenha sido cunhada em 1550 pelo alemão Philipp Schwarzerd. Outros inúmeros historiadores também concordam que a psicologia saiu do ventre da filosofia, mas foi somente em 1879, quando o também alemão Wilhelm Maximilian Wundt (1832 – 1920), médico e fisiologista, criou na Universidade de Leipzig na Alemanha, o primeiro laboratório de Psicologia Experimental.

A psicologia desde os seus primórdios foi considerada como a ciência do indivíduo, de acordo com Davidoff². Inicialmente ela era mais voltada ao comportamento e processos mentais, atualmente ela se volta às necessidades emocionais da pessoa e tem como prioridade o bem-estar do indivíduo. Logo nos primórdios, enquanto Wundt se centrava no estudo das operações mentais e sensoriais, o psicólogo americano William James (1842 – 1910), deixa de lado os laboratórios e parte para a observação da vida mental das pessoas, segundo Davidoff, ele buscava captar o “temperamento” da mente em funcionamento.

No início do século XX, houve o surgimento e desenvolvimento de movimentos rivais na psicologia. E ao longo dos anos, quatro perspectivas principais se consolidaram: behaviorismo, cognitivismo, humanismo e psicanálise.

No presente trabalho, nos embasaremos nas contribuições psicanalíticas quanto ao desenvolvimento infantil. Fadiman³ clarifica que o trabalho de Freud nasceu das disciplinas especializadas de neurologia e psiquiatria, e inova ao oferecer um modo complexo e atraente de perceber o desenvolvimento normal e anormal.

Machado e Vasconcellos⁴ relembram que Freud propõe então uma técnica de tratamento psicoterápico com objetivos mais audaciosos do que até então se havia tido conhecimento, denominando esta técnica de psicanálise. No entanto, a análise dos pacientes

¹ COSTA, Samuel. *Religiões & Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora SilvaCosta, 2008. p. 49-70.

² DAVIDOFF, Linda. *Introdução à Psicologia*. 3. Ed. São Paulo: Makron Books, 2001. p. 1-13.

³ FADIMAN, James; FRAZER, Robert. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: HARBRA, 1986. p. 3.

⁴ MACHADO, S.; VASCONCELLOS, M. C. Psicanálise e Psicoterapia de Orientação Analítica. In: CORDIOLI, Aristides V. *Psicoterapias: Abordagens Atuais*. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 138.

neuróticos também contribuiu para que Freud elaborasse conceitos sobre o desenvolvimento normal do indivíduo, especialmente da criança.

Todas essas referências são de fundamental importância, pois nosso objetivo é o de clarificar como se dá o curso do desenvolvimento normal numa abordagem interdisciplinar. Analisemos a seguir as contribuições de dois renomados pioneiros quanto ao desenvolvimento infantil normal.

1.1 Sigmund Freud e a Psicanálise

Machado e Vasconcellos ainda afirmam que a psicanálise trabalha no sentido de “trazer à consciência do paciente os impulsos e desejos rechaçados, fortalecendo desta forma o ego e, sobretudo levando a modificações das relações internas de objeto”⁵.

Kaplan, Sadock e Grebb⁶ salientam que progressos formidáveis foram feitos por Freud, ele elucidou conceitos fundamentais na teoria psicanalítica, como a existência de uma mente inconsciente, o conceito de determinismo psíquico e o conceito de causalidade e repressão. Esses autores ainda enfatizam que segundo Freud, os processos inconscientes estão presentes no funcionamento mental tanto normal quanto anormal. Exemplos de processos inconscientes estão nos sonhos, nos esquecimentos seletivos, erros da vida cotidiana, entre outros. Já no que tange ao determinismo psíquico, Freud enfatizava que nada ocorre por acaso, essencialmente, todos os eventos psíquicos são determinados por eventos anteriores, não existe descontinuidade na vida mental. O terceiro conceito desenvolvido por Freud é o mecanismo de repressão, ou esquecimento seletivo inconsciente de eventos ou coisas demasiadamente dolorosos à mente humana.

Fadiman⁷ salienta que as concepções de Freud surtiram efeitos importantes na cultura ocidental, sua visão da condição humana atacou violentamente as opiniões prevalentes na época. Ele explorou áreas da psique que foram até então, ignoradas pela moral e filosofia vitoriana, contestando tabus culturais, religiosos, sociais e científicos.

⁵ MACHADO; VASCONCELLOS, 1998, p. 138.

⁶ KAPLAN, Harold; SADOCK, Benjamin; GREBB, Jack. *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 232-245.

⁷ FADIMAN; FRAGER, 1986, p. 3.

As contribuições de Freud foram muito significativas. Nesta tese, nos ateremos, a um de seus trabalhos mais importantes para o conhecimento humano, denominado *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Ao escrever sobre a sexualidade infantil, Freud enfatiza:

Nesse estudo que se preocupa com as funções sexuais dos seres humanos e que se tornou possível por meio da técnica da psicanálise. De fato, meu objetivo tem sido mais o de descobrir em que medida a investigação psicológica pode esclarecer a biologia da vida sexual do homem.⁸

Freud chegou a essas concepções a partir da constatação da força das vivências infantis por toda a vida.

A concepção geral é que ele [instinto sexual] está ausente na infância, que se manifesta na ocasião da puberdade em relação com o processo de chegada da maturidade e se revela nas manifestações de uma atração irresistível exercida por um sexo sobre o outro. [...] Temos, entretanto, razão para crer que esses pontos de vista dão uma ideia falsa da verdadeira situação.⁹

A partir da escuta das associações dos seus pacientes adultos, Freud teceu hipóteses – comprovadas posteriormente com análises de crianças - sobre a sexualidade infantil. Segundo Freud:

[...] só podem confirmar o início da vida sexual do homem, aqueles observadores que tiveram paciência suficiente e habilidade técnica para aprofundar uma análise até os primeiros anos da infância de um paciente. Se todos pudéssemos aprender através da observação direta das crianças, estes três ensaios não precisariam ter sido escritos.¹⁰

1.2 Desenvolvimento da Sexualidade Infantil

De acordo com Brenner¹¹

Estamos agora em condições de descrever de modo sistemático aquilo que se conhece da sequência típica das manifestações do impulso sexual desde a infância, sequência que Freud descreveu em todos os seus pontos essenciais já em 1905, em *Three Essays on Sexuality*. [...] os períodos assinalados como duração de cada fase devem ser tomados como muito aproximados e de termo médio.

Portanto, as idades sugeridas subsequentemente, não foram atribuídas por Freud, mas sim por seu seguidor: Charles Brenner, no intuito de favorecer um entendimento pedagógico.

⁸ FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria: Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1972. p. 130.

⁹ FREUD, 1972, p. 135.

¹⁰ FREUD, 1972, p. 133.

¹¹ BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise: Introdução à Psicologia Psicanalítica*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987. p. 38.

Brenner salienta que para a psicanálise as “forças instintivas já estão presentes e em atividade no bebê, influenciando o comportamento e clamando por gratificação”¹², e que mais tarde produzem os desejos sexuais do adulto.

Quanto à publicação do texto de Freud intitulado: “Três Ensaios sobre a Sexualidade”, em 1905, este causou um verdadeiro escândalo na época, pois a sociedade no início do século XX não estava preparada para admitir que suas crianças, até então vistas como angelicais e puras, já tinham, desde a mais tenra idade, impulsos sexuais. Freud postula que:

Não parece haver dúvidas de que os germes dos impulsos sexuais já estão presentes no recém-nascido e de que eles continuam a desenvolver-se durante algum tempo, sendo então dominados por um progressivo processo de supressão, este por sua vez, é interrompido por avanços periódicos no desenvolvimento sexual ou pode ser sustentado por peculiaridades individuais.¹³

Um século depois, esse escândalo ainda persiste especialmente nos meios religiosos. As igrejas têm muita dificuldade em aceitar essa e outras teorias freudianas, apesar de serem amplamente aceitas nos meios acadêmicos.

É importante salientar que quando uma criança manifesta sua sexualidade, através das zonas erógenas, isso não se refere, como muitos acreditam, ao ato sexual em si. É na verdade algo natural e necessário para o desenvolvimento pleno e saudável da criança.

Como um bebê buscaria o seio materno se não houvesse a satisfação de seus lábios e mucosa bucal? Como poderia obter o controle dos esfíncteres se não obtivesse prazer em reter e expelir as fezes? Todas as zonas erógenas propostas por Freud, e vistas de modo tão crítico e negativo por alguns segmentos religiosos atualmente, são de fundamental importância para o pleno desenvolvimento infantil.

O fato da existência das necessidades sexuais dos seres humanos e animais se explica em biologia pela pressuposição de que existe ‘um instinto sexual’, assim como existe o instinto da nutrição para explicar a fome. No vocabulário comum não existe um termo correspondente a ‘fome’ para designar a necessidade sexual; a ciência, porém, usa a palavra ‘libido’ para esse fim.¹⁴

¹² BRENNER, 1987, p. 37-38.

¹³ FREUD, 1972, p. 181.

¹⁴ FREUD, 1972, 135.

A fim de favorecer um melhor entendimento, fornecemos uma apresentação esquemática das fases propostas por Freud, com as respectivas idades propostas por Charles Brenner¹⁵.

FASE ORAL: O primeiro objeto de satisfação do bebê fica evidenciado durante o primeiro ano e meio de vida, aproximadamente. A boca, os lábios e a língua são os principais objetos físicos de interesse da criança. O que significa que seus desejos e gratificações são primariamente orais. A evidência disso se baseia no prazer da criança em sugar, pôr objetos na boca e de morder.

Freud salienta que:

Os lábios da criança, ao nosso ver, comporta-se como uma zona erógena, e sem dúvida o estímulo do morno fluxo do leite é a causa da sensação de prazer. A satisfação da zona erógena se associa, no primeiro caso, à satisfação da necessidade de nutrição.¹⁶

FASE ANAL: Na sequência, quando a criança está com cerca de um ano e meio até os três anos, segundo Brenner¹⁷, é o período em que as mães se preocupam muito com as fezes dos pequeninos, na busca de tirarem-lhe a fralda. Nessa etapa a criança se volta às atividades em torno do ânus, que se constitui no lugar mais importante de seu corpo. As sensações de prazer-desprazer se associam tanto com a expulsão quanto com a retenção de fezes. E esses processos corporais, bem como as fezes em si, são os objetos do mais intenso interesse da criança, já que para sua mente infantil, o cocô é sua primeira produção, algo que sai dela, e pode ter valor tanto positivo quanto negativo, dependendo da repercussão social. A esse período, Freud chamou de fase anal.

Freud comenta sobre essa fase que:

Deve-se presumir que a significação erógena desta parte do corpo é bastante grande desde o início. Os distúrbios intestinais que são tão comuns na infância concorrem para que não falte a esta zona excitações intensas. As crianças que utilizam a suscetibilidade à excitação erógena da zona anal se traem retendo as fezes até que seu acúmulo provoca violentas contrações musculares, e ao passarem pelo ânus, são capazes de produzir grande excitação da membrana mucosa. [As fezes] são claramente tratados como parte do corpo do bebê e representam seu primeiro 'presente'.¹⁸

FASE FÁLICA: Por volta do final do terceiro ano de vida, o interesse da criança se volta ao seu próprio órgão genital, geralmente a criança se depara com outras crianças com

¹⁵ BRENNER, 1987, p. 39.

¹⁶ FREUD, 1972, p. 186.

¹⁷ BRENNER, 1987, p. 39.

¹⁸ FREUD, 1972, p. 191.

órgãos iguais ou diferentes do seu, e as perguntas começam, bem como o desejo de descobrir-se ao toque. Segundo Freud:

As atividades sexuais desta zona erógena, que forma parte dos órgãos sexuais propriamente ditos são o início do que se transforma mais tarde em vida sexual ‘normal’. Tanto nos meninos quanto nas meninas ela é posta em conexão com a micção.¹⁹

Surge também a chamada “angústia de castração”, que para Freud:

A suposição de que todos os seres humanos tem a mesma forma (masculina) de órgão genital é a primeira das muitas teorias sexuais notáveis e momentosas das crianças. Pouco adianta a uma criança que a ciência da biologia justifique seu preconceito e tenha sido obrigada a reconhecer o clitóris como um verdadeiro substituto do pênis. As meninas não recorrem a negações desta espécie quando vêem que os órgãos genitais dos meninos são formados diferentemente dos seus próprios. Elas se dispõem a reconhecê-los imediatamente e são tomadas de inveja pelo pênis – uma inveja que culmina no desejo, tão importante em suas consequências, de serem meninas elas mesmas.²⁰

LATÊNCIA: Normalmente, entre os seis e doze anos, a criança se vê envolvida com as questões referentes à escola e sua atenção se volta ao pedagógico, daí em diante. Freud denomina essa fase de latência.

É durante esse período de latência total ou apenas parcial que se constroem as forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso do instinto sexual e, como barreira, restringe seu fluxo – a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais.²¹

Brenner salienta que essas são as fases de desenvolvimento psicosssexual da criança – oral, anal, fálica e latência, essa última vigora até a puberdade. Ele ainda afirma que

[...] temos boas razões para acreditar, no entanto, que nenhuma catexia libidinal forte seja jamais completamente abandonada. A maior parte da libido pode fluir para outros objetos, [...] mas certa quantidade de libido permanece ligado ao objeto original.²²

Com isso o autor deseja dizer que mesmo quando adultos temos satisfação em beijar (resquício da fase oral), defecar (resquício da fase anal) e manipular os órgãos genitais (resquício da fase fálica). Tais resquícios permanecem presentes ao longo de toda a vida do ser humano, são os pontos de fixação.

¹⁹ FREUD, 1972, p. 192.

²⁰ FREUD, 1972, p. 200-201.

²¹ FREUD, 1972, p. 181.

²² BRENNER, 1987, p. 41.

Kohut cita a analogia que Freud fez, em relação aos pontos de fixação, na qual equiparou a libido às tropas de um exército que está avançando e que deixa tropas ao longo do percurso:

Ele observou que, a medida que avança, o exército vai deixando para trás uma pequena quantidade de tropa em locais de combate anteriores. Se o combate é pouco importante, a tropa que fica para trás nesse local é pequena, se a batalha é importante, o contingente que fica, é bem maior, para proteger a área vulnerável. Em consequência, o exército avança com efetivos cada vez menores e, quando eventualmente confrontado com uma força que o supera retira-se para a área onde deixou o grosso de sua tropa.²³

Essa é somente uma das inúmeras contribuições de Freud e de sua teoria psicanalítica. A partir do entendimento da mente humana proposto por Freud, inúmeros estudiosos ampliaram sua teoria, que ora concordavam, ora discordavam do “pai da Psicanálise”. Entre os mais significativos, salientamos as contribuições de Erik Erikson.

1.3 Erik Erikson e a Teoria Psicossocial

Dentre inúmeros psicólogos renomados, muitos dos quais defendem o cuidado como algo essencial, a partir de uma visão integral da pessoa, um nome que muito se destaca, é o de Erik Homburg Erikson²⁴.

Erik Erikson²⁵ nasceu em 15 de Junho de 1902, em Frankfurt am Main. Filho de pais dinamarqueses, mas abandonado à nascença pelo pai, cresceu com a mãe judia, que se casou com o pediatra de seu filho, o judeu-alemão Theodor Homburger.

Aos 25 anos, por indicação de seu amigo Peter Blos, Erikson candidatou-se ao cargo de professor de arte na *Schule für amerikanische Schüler* de Dorothy Burlingham em Viena.

²³ SIEGEL, Allen M. *Heinz Kohut e a Psicologia do Self*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 65. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=rYRMSFwyWIYC&pg=PA65&lpg=PA65&dq=FREUD+FIXA%C3%87%C3%83O+EX%C3%89RCITO&source=bl&ots=wVxK3sIkuh&sig=jscbV3uP0qzCHFQyWCRjqQQr_E&hl=pt&sa=X&ei=JEKbUdPHJlbW8gTen4CAAQ&redir_esc=y#v=onepage&q=FREUD%20FIXA%C3%87%C3%83O%20EX%C3%89RCITO&f=false. Acesso em: 20/04/2013.

²⁴ Erik Homburg Erikson nasceu em 1902, na Alemanha e faleceu com 92 anos, no EUA. Desenvolveu a teoria do desenvolvimento Psicossocial e é considerado o primeiro psicanalista infantil americano. Cf. MIRANDA, Alex B. S. *O Desenvolvimento Humano na Perspectiva de Erick Erikson*. Disponível em: <http://artigos.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/o-desenvolvimento-humano-na-perspectiva-de-erick-erikson>. Acesso em: 25/05/2013

²⁵ SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney E. *Teoria da personalidade*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002. p. 203-231.

Erikson enveredou-se pela docência, em 1927, distinguindo-se pelo estilo progressivo, e nesse mesmo período começa a se relacionar com a família Freud, especialmente Anna Freud.

Anna Freud foi sua analista pessoal e introduziu-o ao estudo com crianças. Em 1930 publica seu primeiro artigo, em 1933 finaliza sua formação em psicanálise, é aceito no Instituto de Psicanálise de Viena e se muda para os EUA, onde inicia a prática de psicanálise infantil em Boston, associando-se à Faculdade de Medicina de Harvard.

Em 1950, publicou *Childhood and Society* (Infância e Sociedade)²⁶, em que discute sobre os povos primitivos dos Estados Unidos da América do Norte, correlacionando a personalidade dos americanos com a teoria freudiana. Falece em maio de 1994.

Erik Erikson com suas contribuições deixou importantes legados, dentre eles a Teoria Psicossocial, tal teoria não somente reafirma a teoria do desenvolvimento psicosssexual de Freud, mas ainda amplia suas ideias e prioriza o aspecto psicossocial. Para Erikson, o sucesso da passagem de um estágio ao outro se dá se houver a superação das crises, próprias de cada estágio. A interferência na ordem desse processo pode desencadear sérias consequências no desenvolvimento da pessoa.

Em cada estágio, o indivíduo precisa realizar tarefas específicas para ter o pleno desenvolvimento psicossocial. Segundo ele,

[...] não consideramos que todo o desenvolvimento é uma série de crises: afirmamos somente que o desenvolvimento psicossocial é uma sucessão de fases críticas [...] momentos de opções entre o progresso e a regressão, a integração e a sujeição.²⁷

Essas tarefas específicas se realizam na tensão entre dois polos opostos, presentes em cada um dos oito estágios. E ao contrário de Freud, que sustentava que as experiências infantis moldam a personalidade permanentemente, Erikson defende que a sociedade é uma determinante no desenvolvimento do ego e esse se desenvolve ao longo de toda a vida. Por isso sua teoria focaliza o âmbito psicossocial.

Segundo Erikson:

a personalidade humana se desenvolve em princípio de acordo com as etapas predeterminadas na disposição do indivíduo em crescimento para se deixar dirigir no sentido de um raio social cada vez mais amplo, para se tornar ciente dele e para interatuar com ele. [E ainda quanto à influência da sociedade, o autor salienta]: a

²⁶ SCHULTZ; SCHULTZ, 2002, p. 203.

²⁷ ERIKSON, Erik H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 249.

sociedade, em princípio, tende a se constituir de tal modo que satisfaça e provoque esta sucessão de potencialidades para a integração e de tentativas de salvaguardar e ativar a proporção adequada de sua abrangência.²⁸

Erikson fala que uma identidade pessoal estável é aquela capaz de atravessar todo o ciclo de vida, e mesmo sofrendo transformações, atravessando crises, superando problemas, ainda consegue se manter equilibrada e estável. A permanência dessa estabilidade é o que dá suporte para a pessoa realmente vencer suas dificuldades do melhor modo possível ao longo de sua vida.

Esse desenvolvimento estável deve ocorrer desde a infância e estender-se até a vida adulta. O autor Marcelo Antônio Salgado salienta que a teoria psicossocial proposta por Erikson: “reconhece a influência do ambiente e das relações que a criança mantém com seus pais”²⁹.

Erikson defende que a personalidade da pessoa se desenvolve a partir de três fatores, que ele chama de processos de organização e que devem se complementar:

[...] o processo biológico da organização dos sistemas de órgãos que constituem um corpo (Soma), há o processo psíquico que organiza a experiência individual através da síntese do ego (Psique) e há o processo comunal da organização cultural e interdependência das pessoas (Ethos).³⁰

Esses três fatores, soma, psique e ethos, clarificam que Erikson acreditava que o curso do desenvolvimento é determinado pela interação do corpo (programação genética/biológica), mente (psicológico/emocional) e influências culturais (ethos), e a partir dessas interações é que surgem as oito idades do homem.

Nossa análise focará mais profundamente os estágios referentes ao desenvolvimento infantil, mas os demais serão mencionados no Anexo 1, para os interessados na teoria eriksoniana completa. Pretendemos, num trabalho futuro aprofundar as etapas subsequentes, mas no presente trabalho, tal tarefa torna-se inviável.

1.4 Estágios de Desenvolvimento do Ego

Apresentamos agora os oito estágios:

²⁸ ERIKSON, 1976, p. 249.

²⁹ SALGADO, Marcelo A. *O significado da velhice no Brasil: uma imagem da realidade latino Americana*. São Paulo: SESC, 1982, (Caderno da 3ª idade), p. 79.

³⁰ ERIKSON, Erik H. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 19, 27.

[...] Confiança básica X Desconfiança básica; Autonomia X Vergonha e Dúvida; Iniciativa X Culpa; Operosidade X Inferioridade; Identidade X Confusão de Identidade; Intimidade X Isolamento; Generatividade X Estagnação e Integridade X Desespero.³¹

Os três iniciais se referem ao desenvolvimento infantil, que serão explanados a seguir:

1.4.1 Infância: nascimento aos 18 meses: Confiança versus Desconfiança

Erik Erikson tal como Sigmund Freud, propõe em sua teoria que na infância, especialmente nessa etapa do nascimento aos 18 meses, há a fase oral sensorial, que é mais bem entendida como a fase em que o bebê coloca tudo na boca.

Erikson salienta que nessa etapa, para que a confiança seja estabelecida, é fundamental que haja “a facilitação da alimentação, a profundez do sono e a relaxação do intestino”³². E para tanto, o cuidado materno é de fundamental importância.

Quando a situação ocorre de modo facilitado entre a dupla mãe-bebê, a criança voluntariamente permite que a mãe se vá, sem demasiada ansiedade e raiva, porque a volta da mãe já é uma certeza interior. E essa segurança de que apesar de ir, a mãe retorna, permite que a criança desenvolva os rudimentos de sua identidade, pois aprende a confiar na mãe, e, por conseguinte confiar em si mesma e confiar em seus próprios órgãos para enfrentar os desejos urgentes. Erikson afirma:

[...] o estado de confiança implica não só que o indivíduo aprendeu a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, mas também que pode confiar em si mesmo e na capacidade de seus órgãos para enfrentar os desejos urgentes.³³

Tal cuidado influencia diretamente na construção da religiosidade, Erikson afirma que “a confiança nascida do cuidado é, de fato, a pedra de toque da realidade de uma determinada religião”³⁴. Com essa declaração, Erikson clarifica que a confiança em relação à mãe facilita a confiança em relação à figura de um Deus onipotente.

Se isso ocorrer, e a criança passar com sucesso por esse período da vida, a confiança se estabelece e a vida passa a ser vista como boa e o futuro também.

³¹ ERIKSON, 1976, p. 227-253.

³² ERIKSON, 1976, p. 227.

³³ ERIKSON, 1976, p. 227-228.

³⁴ ERIKSON, 1976, p. 230.

Se não se consegue experiências de confiança, e isso ocorre quando constantemente a criança é negligenciada e frustrada, certamente não terá boas experiências maternas e não será satisfeita em suas necessidades, então o resultado será o sentimento de profunda desconfiança das pessoas, do mundo e até de Deus.

A fase de confiança versus desconfiança básica manifesta-se na psicopatologia, quando as experiências entre a dupla mãe-bebê forem sentidas pelo bebê como intensamente negativas.

Nesse caso para Erikson, há a possibilidade da criança desenvolver: “esquizofrenia infantil, e na personalidade adulta: o retraimento habitual dentro de estados esquizoides e depressivos”³⁵. Quando o mundo se torna tão ameaçador a ponto de não se poder confiar em ninguém, aumenta a possibilidade do indivíduo cogitar, até mesmo, o suicídio.

1.4.2 Dos 18 meses aos três anos: Autonomia versus Vergonha e Dúvida

O estágio de *Autonomia versus Vergonha* é frequentemente comparada à fase anal freudiana. Quanto à essa etapa, Erikson afirma que:

A criança deve chegar a sentir que a fé básica na experiência, que é o tesouro perdurável salvo das raivas da etapa oral, estará em perigo causado por sua mudança de atitude, esse repentino desejo de escolher o que quiser, de se apoderar exigentemente e de eliminar obstinadamente.³⁶

Com isso, Erikson clarifica que quando há um ambiente tranquilizador, a criança sente que sua fé no ambiente não se abalará frente as suas mudanças de atitudes. O ambiente saudável e favorável ao bem-estar da criança é aquele, segundo Erikson, que incentiva a criança a “parar sobre seus próprios pés, mas também deve protegê-la contra as inexpressivas e arbitrarias experiências de envergonhamento e de dúvida precoce”³⁷.

Aqui a criança tem a oportunidade de construir sua autoestima e autonomia à medida que ganha mais controle sobre seus corpos e adquire novas habilidades. Pois, como Erikson salienta: “[...] se não se permitir a experiência gradual e bem orientada da autonomia, da livre escolha, [...] a criança voltará contra si mesma todo seu anseio de discriminar e manipular”³⁸.

³⁵ ERIKSON, 1976. p. 231.

³⁶ ERIKSON, 1976, p. 231.

³⁷ ERIKSON, 1976, p. 231-232.

³⁸ ERIKSON, 1976, p. 232.

É também durante esta fase, no entanto, que a criança pode se tornar muito vulnerável. Se a criança for envergonhada no processo de treinamento do toalete ou no aprender habilidades importantes, pode desenvolver grande vergonha e dúvida futuramente, o que afeta inclusive suas capacidades e autoestima. Erikson, afirma que:

“envergonhar demais não conduz a uma verdadeira retidão, mas a uma secreta determinação de fazer tudo que se quer, impunemente, sem ser visto, quando não dá em resultado uma desafiante falta de vergonha”³⁹.

Se os pais fazem uso moderado da vergonha e do encorajamento para dar o nível certo de autonomia à criança, esta aprende com maior facilidade as regras sociais. Erikson propõe:

De um sentimento de autocontrole sem perda da autoestima resulta um sentimento de constante boa-vontade e orgulho, de um sentimento de perda do autocontrole e de supercontrole externo resulta uma propensão duradoura para a dúvida e vergonha.⁴⁰

Rabello e Passos esclarecem que:

se a criança é exposta a vergonha constante ela pode reagir com o descaramento e a dissimulação e tornar-se um adulto com o sentimento frequente de vergonha e dúvida sobre suas potencialidades e capacidades.⁴¹

Rabello e Passos ainda afirmam que caso os pais exijam muito a criança pode desenvolver baixa autoestima, se pouco exigida, sente-se abandonada e em dúvida sobre sua capacidade. Portanto, o indicado é que os pais têm que dar à criança “a sensação de autonomia e, ao mesmo tempo, estar sempre por perto, prontos a auxiliá-la nos momentos em que a tarefa estiver além de suas capacidades”⁴².

1.4.3 Dos três aos cinco anos: Iniciativa versus Culpa

Erikson clarifica que nessa fase: “há em toda criança, em cada etapa, um novo milagre de desabrochamento vigoroso que constitui uma nova esperança e uma nova responsabilidade para todos. Esse é o sentido e a qualidade intrínseca da iniciativa”⁴³.

³⁹ ERIKSON, 1976, p. 233.

⁴⁰ ERIKSON, 1976, p. 233-234.

⁴¹ RABELO, Elaine; PASSOS, José S. *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>. Acesso em: 03/04/2012.

⁴² RABELO; PASSOS, s.d. p. 6.

⁴³ ERIKSON, 1976, p. 234.

Enquanto que Erikson denomina essa etapa como *Iniciativa versus Culpa*, Freud a chama de fase fálica. Neste período além da confiança e da autonomia, adquiridas nas etapas anteriores, a criança pode adquirir a iniciativa, ou não. Erikson postula que:

a iniciativa soma a autonomia a capacidade de empreender, de planejar, de “atacar” uma tarefa pelo gosto de ser ativo e de estar em movimento. [...] a iniciativa é uma componente necessária de todo ato e o homem precisa de espírito de iniciativa para tudo o que aprende e faz.⁴⁴

Algo muito importante ocorre nesta fase: “Esta é, então a etapa do ‘Complexo de Castração’, o temor intensificado de perceber os genitais, agora fortemente erotizados, danificados como castigo pelas fantasias associadas com sua excitação”⁴⁵.

Para a criança, há duas possibilidades ao sair desse período. Se houver o predomínio de situações disfuncionais, é possível o desenvolvimento de psicopatologias, como a “raiva descontrolada, a rivalidade, a inveja, a repressão do desejo, a ab-rogação de um órgão, a paralisia, a inibição ou impotência, e até a manifestação de enfermidades psicossomáticas”⁴⁶.

Entretanto, pode haver o êxito e o predomínio de situações positivas quanto ao complexo de castração, nesse caso a criança tende a renunciar o pai e iniciar o processo de tornar-se ele mesmo um genitor.

aquela crise especificamente humana, durante a qual a criança deve renunciar a uma ligação exclusiva, pré-genital, com seus pais, para iniciar o luto, o processo de se tornar um genitor, um portador da tradição.⁴⁷

1.4.4 Dos seis aos doze anos: Operosidade versus Inferioridade

Erikson afirma que, nessa etapa há a:

necessidade da criança se preparar para começar a ser um trabalhador e um provedor potencial. [...] ela aprende agora a conquistar consideração produzindo coisas. Chegar a completar uma situação produtiva constitui um objetivo que gradualmente suplanta as fantasias e as aspirações referentes ao jogo.⁴⁸

⁴⁴ ERIKSON, 1976, p. 235.

⁴⁵ ERIKSON, 1976, p. 235-236.

⁴⁶ ERIKSON, 1976, p. 237.

⁴⁷ ERIKSON, 1976, p. 236.

⁴⁸ ERIKSON, 1976, p. 238.

Durante esta fase, a criança torna-se capaz de aprender, criar e realizar inúmeras novas habilidades e conhecimentos, Erikson entende que: “o princípio do trabalho lhe ensina o prazer da completação do trabalho com atenção fixa e empenho perseverante”⁴⁹.

Entretanto, é possível que haja dificuldades para a criança, o que ocorre quando: “o desenvolvimento de muitas crianças se desagregam quando a vida familiar não tenha conseguido prepará-las para a vida escolar, ou quando a vida escolar deixa de cumprir as promessas das etapas anteriores”⁵⁰.

E como consequência: “o perigo para a criança nessa etapa reside em um sentimento de inadequação e inferioridade, se ela se desespera de suas ferramentas e habilidades, ela se considera condenada à mediocridade e à inadequação”⁵¹.

Erikson esclarece que neste período a criança “sublima a necessidade de ‘fazer’ gente, [...] e aprende agora a conquistar consideração produzindo coisas”⁵².

Quando a criança se torna confiante, autônoma e desenvolve a iniciativa para objetivos imediatos, passa à nova fase do desenvolvimento psicossocial, em que aprende mais sobre as normas sociais e o que os adultos valorizam. Ao equiparar essa etapa com a de Freud, Erikson afirma que:

Freud a denominou etapa de latência porque os impulsos violentos estão normalmente adormecidos. Mas é só um período de bonança antes da tormenta da puberdade, quando todos os impulsos anteriores reemergem em uma nova combinação, para ser submetidos à dominação da genitalidade.⁵³

Erikson abre um parêntese ao afirmar que nessa fase, há o risco para a autoestima, quando seu valor pessoal é medido por seu sucesso nas atividades: “se aceita o trabalho como sua única obrigação, e “o produtivo” como seu único critério de valor, pode-se tornar um escravo conformista e inconsiderado de sua tecnologia e daqueles que estão na situação de explorá-la”⁵⁴.

As fases subsequentes propostas por Erik Erikson, dizem respeito aos períodos que abrangem a adolescência até a terceira idade, e, portanto fogem ao interesse da presente dissertação, por isso optamos por apresentá-las no Anexo 1.

⁴⁹ ERIKSON, 1976, p. 238.

⁵⁰ ERIKSON, 1976, p. 239.

⁵¹ ERIKSON, 1976, p. 239.

⁵² ERIKSON, 1976, p. 238.

⁵³ ERIKSON, 1976, p. 239-240.

⁵⁴ ERIKSON, 1976, p. 240.

1.5 Em busca de integração: Teologia nos Fundamentos Psicológicos

Ao abordar os principais teóricos que influenciaram o entendimento psicológico do desenvolvimento humano, especialmente Freud, Erikson e Piaget, o teólogo James Loder, o qual será devidamente apresentado no capítulo 2, salienta que tais teóricos tiveram em suas histórias pessoais, alguma relação com aspectos teológicos que certamente influenciaram, de um modo ou de outro, a construção de suas teorias.

Ao citar o pai da psicanálise, Loder afirma que

as explanações de Freud eram mais que psicológicas. Eram também biológicas, culturais e religiosas. Sua tentativa inicial foi bioneurológica em “*O Projeto de 1895*”, e sequencialmente cultural, simbólica e mística.⁵⁵

Outra notável influência religiosa, segundo Loder, inclui o fato de que em sua infância, Freud teve uma babá católica romana que o tinha batizado. Loder também cita o livro de Bakan: *Freud e a Tradição Mística Judaica*, em que:

Bakan aponta que Freud leu e devorou a mística Judaica. Ele pensava nele mesmo como “José”, do livro de Gênesis, que era capaz de interpretar sonhos e chegar a verdadeira natureza humana na relação com Deus.⁵⁶

Em relação à Erik Erikson, Loder comenta que:

sua visão era sociocultural bem como pessoal, e incluía a religião como parte do desenvolvimento normal. Ele também colocou o desenvolvimento psicológico como parte do estudo da história.⁵⁷

Loder destaca a contribuição de Erikson a respeito do *homo religious* considerando-a como sua mais desafiante noção.⁵⁸

Além de Freud e Erikson, Loder também relaciona as obras de Piaget e Jung com suas biografias. Tais relações buscam demonstrar que em suas teorias e práticas, estes autores

⁵⁵ LODER, James. *The Logic of the Spirit: Human Development in Theological Perspective*. First Edition. San Francisco: Jossey-Bass, 1998. p. 21. *Explanation for Freud was more than psychological. It was also biological, cultural, and religious. His earliest attempt was bioneurológica, The Project of 1895. His subsequent explanations were cultural, symbolic, and mythic. As to the religious, Freud thought of himself as having a distinctly Jewish mind.* (tradução própria)

⁵⁶ LODER, 1998, p. 21. *Bakan pointed out that Freud read and devoured the Jewish mystics. He thought of as himself as 'Joseph', able to interpret dreams and so arrive at the truth of human nature in relation to 'God'.* (tradução própria)

⁵⁷ LODER, 1998, p. 23. *He view was sociocultural as well as personal, and it included religion as part of normal development. He also put psychological development into the study of history.* (tradução própria)

⁵⁸ LODER, 1998, p. 23.

tiveram fortes influências místicas e religiosas que estão fortemente ligadas a suas concepções sobre o desenvolvimento humano.

Loder conclui afirmando que “toda dinâmica presente na pesquisa psicológica pode ser vista como o trabalho de espírito humano no esforço para entender e interpretar a si mesmo”⁵⁹.

O que significa que toda pessoa traz em seu interior inquietações a respeito do sentido da existência humana, mas essas perguntas não foram respondidas e não serão até que nos voltemos à espiritualidade.

1.6 Considerações Finais

Entender o ser humano ainda é um desafio. Dentro da perspectiva psicológica, muitas teorias se destacam, nesse capítulo buscamos enfatizar somente duas. Esses autores não foram escolhidos aleatoriamente, eles foram aqui salientados devido ao fato de que suas teorias não se restringiram ao psicológico, mas de modo direto ou indireto, abrem para a importância da espiritualidade.

Freud se importou com questões referentes à espiritualidade, ao contrário do que muitos acreditam. Exemplos disso, podemos citar Rizzuto, que afirmou que “Freud teve *insights* brilhantes quanto ao papel dos pais na formação da representação de Deus”⁶⁰; e ainda Wondracek, que evidencia o estreito relacionamento entre Freud e Pfister, em outras palavras: entre o pai da psicanálise e o pai do “cura de almas”⁶¹, ela cita o parecer do psicanalista Pedro Villamarzo, fundador do Instituto Oskar Pfister de Madri, que afirmou:

Pfister é o dobro religioso do ateu Freud, inclusive seu humanismo cristão, e homem do movimento psicanalítico, apesar de sua distância discreta da área do poder.⁶²

Já Erikson constatou a presença da espiritualidade desde a mais tenra idade, o que fica evidente ao afirmar que “a confiança nascida do cuidado é, de fato, a pedra de toque da

⁵⁹ LODER, 1998, p. 26. *Everything in the psychological approach may be seen as the work of the human spirit in its effort to understand and interpret itself.* (tradução própria)

⁶⁰ RIZZUTO, Ana-Maria. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. p. 11.

⁶¹ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. *Cartas entre Freud & Pfister (1909 – 1939): Um diálogo entre psicanálise e a fé cristã*. Trad. Karin H. K. Wondracek e Ditmar Junge. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2003, p. 8.

⁶² WONDRAECK, Karin H. K. *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 28. *Pfister es el doble religioso del Freud ateo, inclusive de su humanismo cristiano, y hombre del movimiento psicoanalítico pese a su discreta distancia de las zonas de poder.*

realidade de uma determinada religião”⁶³, com essa declaração, Erikson clarifica que a confiança que o bebê tem em relação à mãe pode facilitar a confiança em relação a Deus futuramente, e o oposto é verdadeiro, caso a mãe não cuide de modo satisfatório de seu bebê, esse pode se tornar desconfiante das pessoas e de Deus.

No capítulo seguinte analisaremos o desenvolvimento humano na perspectiva da teologia, para tanto nos embasaremos no teólogo James Loder que propõe quanto ao espírito humano, que este “parecia ter uma lógica própria, que poderia ser colocada em foco e ser definida pelo entendimento teológico, o que por sua vez redefine o sentido e o propósito do desenvolvimento humano”⁶⁴.

⁶³ ERIKSON, 1976, p. 230.

⁶⁴ LODER, 1998, p. ix. *This spirit seemed to have a logic of its own that could be called into focus and given definition by theological understanding, which in turn redefined the meaning and propose of human development.* (tradução própria)

2 ESPÍRITO HUMANO NA ÓTICA DA TEOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES DE JAMES LODER

Notoriamente é sabido que o desenvolvimento humano é objeto de estudo de ciências como: psicologia, pediatria e pedagogia, mas pode a teologia contribuir nessa área?

A este respeito, Leloup e Boff declaram que

não há oposição entre o conhecimento de si mesmo que a psicologia propõe e o conhecimento de si mesmo que a espiritualidade propõe. Porque uma psicologia que não se abre a um itinerário espiritual corre o risco de nos enclausurar e, mesmo, nos desesperar⁶⁵.

O que significa que a psicologia só pode verdadeiramente ajudar o ser humano, considerando-o em sua complexidade: corpo, mente e espírito.

Victor E. Frank afirma que “a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária de sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de impulsos instintivos”⁶⁶.

É exatamente nesse aspecto que compreendemos que todo o conforto material não consegue suprir as necessidades humanas e que as respostas da psicologia também não podem satisfazer plenamente as demandas internas das pessoas, é justamente na reconciliação do corpo, mente e espírito que o homem descobre o sentido de viver.

Estas constatações motivaram originalmente a elaboração dessa dissertação, que contou com as contribuições teológicas de James E. Loder⁶⁷ para o desenvolvimento humano. Loder clarifica a compreensão desse desenvolvimento numa abordagem interdisciplinar.

Segundo Wondracek et al., o olhar de Loder é:

sobre o desenvolvimento humano a partir da teologia cristã em diálogo com a psicologia do desenvolvimento humano, a psicanálise, as ideias de Piaget, a física, a neurologia, a filosofia, para citar as principais.⁶⁸

⁶⁵ LELOUP, Jean-Yves e BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto*: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckheim. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/1051157/Leonardo-Boff---Terapeutas-do-Deserto>. Acesso em: 25/05/2013.

⁶⁶ FRANKL, Victor E. *Em busca de Sentido*: um psicólogo no campo de concentração. 30. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2011, p. 124.

⁶⁷ James Edwin Loder (1935-2004). Professor de Filosofia da Educação Cristã da Universidade de Princeton nos Estados Unidos da América. Bacharel em Teologia nesta universidade, Mestre e Doutor na Universidade de Harvard. Estudou Teologia e Psiquiatria na Fundação Menninger, fez pós-doutorado nas universidades de Genebra e Oxford. Para essa tese, nos apoiamos em sua obra: LODER, 1998.

⁶⁸ WONDRAČEK, Karin; REHBEIN, Matthew L.; CARTELL, Leticia N. *Desenvolvimento humano na Lógica do Espírito*: uma introdução às ideias de James Loder. 1. ed. Joinville, SC: Editora Grafar, 2012. p. 7.

Em seu livro *The Logic of the Spirit: Human Development in Theological Perspective*, James Loder propôs um conceito inovador sobre o desenvolvimento humano, à partir do entendimento de uma lógica própria do espírito.

Wondracek et al. pontuam que para Loder “lógica” tem a ver com os “processos racionais e relacionais que o ser humano usa para tomar conhecimento de si mesmo e do mundo”⁶⁹, ou seja, o ser humano é capaz de perceber as realidades que o cercam tanto racionalmente – com explicações racionais, concretas e comprováveis – quanto relacionalmente na interação e relação com tudo o que o cerca. E “espírito” para Loder, tem a ver com a “dinâmica inata no ser humano que, silenciosamente dirige e molda o seu conhecimento”⁷⁰. Para Loder, em todos os seres humanos há três dimensões: a física, a mental e a espiritual, e essa última busca sentido e propósito para viver.

Loder une estes dois termos: lógica e espírito, a “lógica do espírito” é o “processo padronizado que descreve a fonte interior geradora de conhecimento em todos os níveis de experiência humana”⁷¹. E ainda que a “lógica do espírito envolve a transformação do conhecimento do ser humano”⁷², eles seguem citando que para Loder, essa “lógica do espírito é analogicamente relacionada à maneira que Deus, por meio do seu Espírito Santo opera na experiência humana para que nós tomemos conhecimento Dele e do Seu mundo”⁷³.

Loder concebe que: “Toda a abordagem psicológica pode ser vista como o trabalho do espírito humano no esforço para entender e interpretar a si mesmo”⁷⁴. Dentro dessa perspectiva, é o espírito humano que impulsiona a humanidade a avanços cada vez maiores, sempre na tentativa de melhor entender-se e interpretar-se, não é a busca simplesmente em adaptar-se, como acreditava Darwin, mas esses avanços são uma resposta a uma demanda, intrínseca a todo ser humano.

Há uma relacionalidade inata entre o espírito humano e o Espírito Divino. Na sequência, Loder desenvolve uma teoria interdisciplinar na qual mostra que essa interação divino-humano ocorre nas mais variadas formas, como cita Wondracek et al.: “no

⁶⁹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 7

⁷⁰ WONDRAČEK et al., 2012, p. 17.

⁷¹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 17.

⁷² WONDRAČEK et al., 2012, p. 17.

⁷³ WONDRAČEK et al., 2012, p. 17.

⁷⁴ LODER, 1998, p. 26. *Everything in the psychological approach may be seen as the work of the human spirit in its effort to understand and interpret itself.* (tradução própria)

desenvolvimento psicossocial do ser humano, nas descobertas científicas, na criação da cultura contemporânea, nas resoluções de crises... a lista não tem fim”⁷⁵.

2.1 Teoria Interdisciplinar de James Loder

Wondracek et al. clarificam que em sua teoria, James Loder expressa que “no espírito humano há uma lógica própria que pode ser enfocada e definida pelas compreensões teológicas, o que por sua vez redefine o sentido e o propósito do desenvolvimento humano”⁷⁶, que age ao longo do curso do desenvolvimento humano, em todas as áreas, como: música, arte, vida espiritual, e outros, “sem contudo reduzir o espírito a um produto, um trabalho artístico ou a avanços tecnológicos”⁷⁷.

Loder expressa sua convicção de que o espírito humano busca conexão com o transcendente, e para melhor entender sua teoria, Loder, cita o filósofo dinamarquês Kierkegaard⁷⁸, que enfatiza que todos os humanos guiam suas vidas a partir de duas possibilidades: o absurdo negativo e o absurdo positivo.

Wondracek clarifica que:

o absurdo negativo, que declara ser a futilidade trágica e a falta de sentido da existência, tal como expressos pelo conceito de desespero, e *o absurdo positivo*, que crê que a natureza humana está redimida em Deus, que entra na sua própria criação como completamente divino e completamente humano.⁷⁹

Quando a pessoa opta por viver no absurdo negativo ela vive uma existência sem sentido maior, sem um propósito além de si mesmo, o que se manifesta em comportamentos como apatia, desmotivação e indiferença, sem se importar com o porquê de estar vivo.

Já para quem opta pelo absurdo positivo, em sua existência há um sentido maior para viver e se empenhar em todas as atividades que desempenhe, pois não vigoram sob o aspecto imediatista, mas vivem na espera de um futuro melhor, nem que seja no pós-morte. O viver sob a ótica do absurdo positivo pode ser exemplificado pelos mártires do Cristianismo, que por fidelidade e amor cristão enfrentaram torturas e até a morte, preferindo morrer a abrir mão

⁷⁵ WONDRAČEK et al., 2012, p. 18.

⁷⁶ WONDRAČEK et al., 2012, p. 19.

⁷⁷ LODER, 1998, p. 10. (...) *for itself as spirit without reducing spirit to one of its products, a work of art or a scientific advancement.* (tradução própria)

⁷⁸ LODER, 1998, p. ix. *Kierkegaard places human existence between two absurds: the negative absurd [...] and the positive absurd.* (tradução própria)

⁷⁹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 19.

de seus ideais e crenças. Ou ainda, os judeus sobreviventes dos campos de extermínio nazistas.

Wondracek enfatiza que Loder baseando-se em Kierkegaard, também concebe que “o ser humano deve ser compreendido perante o fundamento que o colocou na vida”⁸⁰. Loder parte da “premissa de que no próprio estudo do ser humano feito a partir das ciências humanas - a Antropologia, Psicologia, Filosofia, Sociologia, para citar alguns ramos – contém dimensões teológicas relevantes”⁸¹.

Loder afirma que “a meta é uma apropriação teológica crítica do fenômeno humano conforme descrito pelas disciplinas antropológicas”⁸². Neste sentido, ele não se refere apenas à vida humana, mas também à sua relação com as demais dimensões. Wondracek enfatiza que para Loder “a ordem natural não é tomada como contexto no qual compreender a Deus, mas a própria ordem natural deve ser compreendida no contexto daquilo que Deus revelou”⁸³.

Isso implica, para Loder, numa re colocação das ciências: as ciências da ordem natural, incluindo as ciências humanas, devem sofrer uma transformação, na qual entram em uma

relação indissolúvel e contingente com a teologia, funcionando como sub-ciências de sua inteligibilidade interna, e como uma parte essencial das reivindicações empíricas e teóricas de sua interpretação da ação de Deus no mundo.⁸⁴

O que significa que, se aceitarmos essa dimensão teológica, não somente repensaremos o ser humano em si, mas sua relação com outras dimensões, como plantas, animais, cosmo, enfim. E essas implicações serão profundas e impactantes para todas as ciências humanas. Esse tópico será novamente retomado no subtítulo seguinte, na análise do argumento teológico proposto pelo teólogo Torrance.

2.2 Fundamentos Teológicos da “Lógica do espírito”

A proposta de Loder em seu livro é, segundo Wondracek et al., “uma apropriação teológica crítica do fenômeno humano conforme descrito pelas disciplinas antropológicas”⁸⁵.

⁸⁰ WONDRAČEK et al., 2012, p. 20.

⁸¹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 20.

⁸² LODER, 1998, p. 28. *The aim is a critical theological appropriation of the human phenomenon as described by the anthropological disciplines.* (tradução própria)

⁸³ WONDRAČEK et al., 2012, p. 21.

⁸⁴ LODER, 1998, p. 32-33. (...) *must undergo a transformation by which they enter into an indissoluble, contingent relation to revealed theology, functioning as subspecies of its inner intelligibility and as an essential part of the empirical and theoretical claims of its interpretation of God's action in the world.* (tradução própria)

⁸⁵ WONDRAČEK et al., 2012, p. 20.

Para tanto, ele busca alguns argumentos teológicos fundamentais em Wolfhart Pannenberg, e comenta que para este teólogo⁸⁶, as ciências humanas devem ser examinadas à luz da religião e da teologia. A investigação de Loder, segundo Wondracek é

inicialmente conceitual e depois detalhada para cada fase do desenvolvimento humano, se move em três eixos teológicos: 1. A imagem de Deus no ser humano, 2. A nova criação em Cristo e 3. A doutrina do pecado original.⁸⁷

O conceito de Pannenberg foi muito bem pontuado por Wondracek e co-autores, eles salientam que o teólogo critica a tentativa do homem de desconectar-se com Deus, salientando que por si só, o ser humano é incapaz de voltar-se a Deus para achar o sentido da vida., Mas pela obra do Espírito de Deus o homem pode achar tal sentido, ou seja, “o ser humano, como ser que é espírito, possui a capacidade de inibir seus próprios instintos, o que ultrapassa a concepção da vida do ponto de vista naturalístico”⁸⁸.

A ênfase no espírito é uma das contribuições fundamentais de Loder, pois

resgata o conceito de *espírito humano* e o compreende como *a capacidade de pensar e refletir para além de si*. Em outras palavras, é característica básica do ser humano a autotranscendência que simultaneamente é autoformativa.

Em outras palavras, quando falamos em capacidade de autoreflexão e autotranscendência, estamos usando um sinônimo naturalístico para **espírito**.⁸⁹

O que nos conduz ao entendimento de que “o espírito humano tem potencial para transcender, e essa característica é notória tanto para as ciências quanto para a teologia”⁹⁰. E para caracterizá-lo antropologicamente, é preciso considerar dois temas : a imagem de Deus no ser humano e a questão do pecado”⁹¹.

Loder postula que a imagem de Deus no ser humano conduz a aproximação deste para a realidade divina, pois há exclusividade do ser humano na criação da ordem natural. Em relação ao pecado, este é visto como a separação do ser humano de seu verdadeiro destino, a união com Deus, ou seja, para Pannenberg o “pecado é percebido como perversão ou retorno

⁸⁶ Wolfhart Pannenberg (1928-) professor de teologia em Munique, Alemanha. Loder se embasa especialmente no seu livro *Anthropology in Theological Perspective*, 1985. No original, PANNENBERG, Wolfhart. *Anthropologie in theologischer Perspektive*. Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

⁸⁷ WONDRAČEK et al., 2012, p. 21.

⁸⁸ WONDRAČEK et al., 2012, p. 23.

⁸⁹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 22.

⁹⁰ WONDRAČEK et al., 2012, p. 22.

⁹¹ LODER, 1998, p. 28. *He argues that there are two major themes to be accounted for in anthropological terms: the image of God in human beings and human sin.* (tradução própria)

para dentro de si – produzindo conflitos internos, ansiedade e comportamento autodestrutivo”⁹².

Para Pannenberg, o “centro exocêntrico é o sinônimo natural do espírito”⁹³. Wondracek et al. afirmam que no “exocentrismo há uma força centrípeta que conduz o homem ao seu centro – Deus”⁹⁴. Ou seja, “o ser humano é a imagem de Alguém fora dele mesmo”⁹⁵. Portanto, é somente nesse movimento de sair de si e buscar fora seu centro, é que é possível ao homem obter sentido e propósito de viver. Por isso para Loder, “falar da imagem de Deus em termos antropológicos é falar do lugar único do humano em relação ao resto da ordem da criação”⁹⁶.

Entendemos que exocentrismo é um movimento potencialmente infinito do humano que busca uma autodescoberta. Quando há essa busca, há simultaneamente a formação de uma submissão interna (“guio-me não por minha própria vontade, mas por um bem maior”) e transcendência pessoal (“existe um sentido maior em todas as coisas”).

Tais transformações interiores significam uma postura de vida diferenciada, em que haja o conhecer a si mesmo e o melhor aceitar a si e ao outro, entendendo que somos todos partes de um propósito maior, de um plano divino, universal. A partir disso o humano sente-se compelido a cuidar de si e dos outros, dos animais, da natureza, e assim sucessivamente. Pois, é sabido que nossos atos hoje, influenciarão profunda e decisivamente no amanhã.

Caso predomine o egocentrismo, haverá consequências negativas na composição do viver, como desintegração de grupos, sociedades e culturas, além de prejuízos inegáveis e irreversíveis na natureza e meio-ambiente, o que já vivenciamos na atualidade. Entretanto, Loder concorda com o posicionamento de Pannenberg, de que “as falhas não são resultados da Queda pré-histórica, mas da incompletude da história, a qual ainda não alcançou o auge como prometido na ressurreição de Cristo”⁹⁷.

Nesse entendimento,

⁹² LODER, 1998, p. 29. *Sin is to be understood as the perversion or turning inward of the human spirit, producing internal conflict, anxiety, and self-destructive behavior.* (tradução própria)

⁹³ LODER, 1988, p. 28. (...) «*exocentric centeredness*», *his naturalistic synonym for spirit.* (tradução própria)

⁹⁴ WONDRAČEK et al., 2012, p. 23.

⁹⁵ WONDRAČEK et al., 2012, p. 23.

⁹⁶ LODER, 1988, p. 28. *To speak of imago dei in anthropological terms is to talk about the uniqueness of the human person in relation to the rest of the natural order.* (tradução própria)

⁹⁷ LODER, 1988, p. 29. *However, for Pannenberg, such failures are the result not of a prehistoric Fall but of the incompleteness of history, which has not yet reached its culmination as promised in the resurrected Christ.* (tradução própria)

Jesus é o único que pode dar-nos o significado da vida, porque somente ele superou o ponto final, somente ele satisfaz o impulso do espírito humano de dar a última palavra frente à morte.⁹⁸

Outra importante contribuição para a teoria de Loder, tem como base as ideias do teólogo escocês T. F. Torrance. Wondracek et al. afirmam que:

a capacidade humana de captar a inteligibilidade do cosmos sugere a Torrance uma relação em espelho entre a inteligibilidade do universo e certas estruturas da mente humana, o que faz Loder estabelecer importantes analogias entre o estudo do desenvolvimento humano e o estudo do universo.⁹⁹

De acordo com Loder, Torrance argumenta que

a ordem natural, a qual se estende para o infinito em todas as direções, incluindo cultura e sociedade dentro da qual é compreendida, deve ser transformado pela revelação mais compreensiva e dinâmica do Deus Criador em Jesus Cristo e por seu Espírito. A ordem natural não é o contexto no qual entender a Deus, mas a própria ordem natural deve ser entendida no contexto do que Deus tem revelado.¹⁰⁰

Esse entendimento amplia a questão da recolocação das ciências, em que a dimensão teológica modifica não somente o humano, mas todas as dimensões com que ele se relaciona.

Wondracek et al. sintetizam tais ideias, ao pontuar que para Torrance:

a racionalidade da mente de Deus está impressa na criação, primeiramente o ser humano está situado entre dois infinitos (pequeno e grande); através da inteligência, o ser humano investiga os dois infinitos – ciências naturais e ciências humanas; e o mais avassalador: a capacidade humana de transcender a si próprio é a que gera e inspira a inteligência humana. Consequência repensar todas as teorias da inteligência incluindo o espírito como dimensão fundante.¹⁰¹

Loder cita o teólogo reformado George Hendry, que em seu livro: “O Espírito Santo na Teologia Cristã”¹⁰² argumenta que “a tradição reformadora tem feito um desserviço na minimização do significado do Espírito e do espírito humano”¹⁰³.

De acordo com Loder, Hendry ainda salienta que:

⁹⁸ LODER, 1998, p. 29. (...) *Jesus is the only one who can give us the meaning of life because he alone has overcome its end point; he alone has satisfied to drive of the human spirit to claim the last word in the face of death.* (tradução própria)

⁹⁹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 25-26.

¹⁰⁰ LODER, 1998, p. 32. *The natural order, which extends to infinity in all directions, including the culture and society within which it is understood, must be transformed by the more comprehensive and dynamic revelation of the Creator God in Jesus Christ and by his Spirit. The natural order is not the context in which to understand God, but the natural order itself must be understood in the context of what God has revealed.* (tradução própria)

¹⁰¹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 25.

¹⁰² LODER, 1988, p. 34. *The Holy Spirit in Christian Theology.* (tradução própria)

¹⁰³ LODER, 1998, p. 34. *He argued that the Reformed tradition has done a disservice in minimizing the significance of the human spirit.* (tradução própria)

Ao escolher tornar-se humano, Deus afirma a humanidade, mas a humanidade afirmada é essencialmente espírito. Não é correto dizer que a humanidade tem perdido a imagem de Deus, seria melhor dizer que a humanidade tem perdido o original do qual ela é a imagem. E ainda mais, não existe um modo do espírito humano por si só reverter a perda, o espírito criado é ontologicamente incapaz de escolher o Criador como possibilidade. Então quando a graça entra na situação, o desorientado espírito humano não é destruído pela graça, mas é transformado, e só então pode escolher livremente testificar com o Espírito de Deus que nós somos crianças de Deus.¹⁰⁴

Nisso Loder concorda que “o espírito humano é para a humanidade o que o Espírito Santo é para Deus”¹⁰⁵, então esses dois – espírito e Espírito, “estão inter-relacionados de acordo com a relacionalidade bipolar”¹⁰⁶. Com relacionalidade bipolar ele quer expressar a possibilidade de relação entre o espírito humano e o Espírito Divino, dois pólos unidos e indestrutíveis entre si. E para finalizar, citaremos o último argumento que moldou a postura teológica do livro *The Logic of the Spirit*, no qual Loder propõe que o Espírito Divino busca conduzir o espírito humano para além da *imago dei* e do pecado, o alvo é uma “terceira categoria: a nova criatura em Cristo”¹⁰⁷.

Wondracek et al. postulam que:

A restauração da imagem de Deus no ser humano se manifestará na transformação da autorrelacionalidade e da autotranscendência, ou seja, da lógica do seu espírito. O espírito humano, na liberdade obtida pela ação da graça, perscrutará a si mesmo e ao cosmos no âmbito da relação Espírito-espírito. Esta é a lógica do Espírito: vida humana na relacionalidade entre as duas dimensões compreendendo que cada evento será multiplicado por dois: desenvolvimento humano no tempo e a ação de Deus eterno que abraça todo o tempo.¹⁰⁸

E é exatamente essa imagem restaurada do homem que é buscada tanto pela teologia quanto pela psicologia, pois somente tal imagem pode conduzir o ser humano ao verdadeiro sentido e propósito para viver.

¹⁰⁴ LODER, 1998, p.35. *By choosing to become human, God affirms humanity, but the humanity affirmed is essentially spirit. It is not correct to say that humanity has lost the image of God; it would better to say that humanity has lost the original of which it is the image. Moreover, there is not way the human spirit by itself as human spirit can reverse the lost; the created spirit in ontologically incapable of choosing the Creator as a possibility. Thus, when the grace enters the situation, the disoriented human spirit is not destroyed by grace; it is transformed so that it may choose freely to testify with God's Spirit that we are the children of God.* (tradução própria)

¹⁰⁵ LODER, 1998, p. 35. *I will argue that the human spirit is to humanity what the Holy Spirit is to God.* (tradução própria)

¹⁰⁶ LODER, 1998, p. 35. (...) *so these two are interrelated according to the bipolar relationality.* (tradução própria)

¹⁰⁷ LODER, 1998, p. 36. (...) *a third category must be added: the new creation in Christ.* (tradução própria)

¹⁰⁸ WONDRAČEK et al., 2012, p. 45-46.

2.3 Fundamentos Científicos da “Lógica do espírito”:

Outra referência utilizada por Loder, são as pesquisas neurológicas de Wilder Penfield.¹⁰⁹ Wondracek et al. clarificam que Penfield:

aponta a presença de duas essências no ser humano: a primeira, o **cérebro** e suas estruturas com os padrões de conduta; a segunda, o **eu**, que tem a capacidade de entrar nestes padrões e modificá-los criando novos.¹¹⁰

Loder ao expor as ideias de Penfield, enfatiza que:

existem importantes analogias entre a dinâmica exocêntrica do espírito humano e o universo em expansão que ele procura compreender e transcender. De fato, estudar o espírito humano não no abstrato, mas dentro das matrizes do desenvolvimento humano, não é somente levar nossa existência física a sério; , é também implicitamente estudar certos aspectos do universo físico e o que está por detrás dele. Para dar um contexto para tal declaração e fazer isso mais plausível, considere o lugar da pessoa humana no universo.¹¹¹

Wondracek clarifica que o espírito humano não “foi destinado a vagar solitário pelo universo, mergulhado em perguntas infundáveis sobre o sentido da existência humana”¹¹², mas para encontrar respostas a suas perguntas mais cruciais, pela lógica do espírito.

E ainda “que é característico da lógica do espírito estar sempre em relacionalidade”¹¹³. Tanto nos aspectos humanos como nas ciências mais “duras”, a relacionalidade vem se firmando como padrão permanente.

Loder enfatiza que a própria ciência precisa de um fundamento para além dela, para não incorrer em tautologias.¹¹⁴ Na lógica do espírito proposta por Loder, tal lógica:

se constrói (em) uma compreensão inteligível deste universo inerentemente relacional, e na qual a própria personalidade humana se desenvolve, e no qual há um fundamento decisivo para o espírito humano;¹¹⁵

¹⁰⁹ LODER, 1998, p. 5.

¹¹⁰ WONDRAČEK et al., 2012, p. 24.

¹¹¹ LODER, 1998, p. 6. (...) *there are important analogies between the exocentric dynamics of the human spirit and the expanding universe it seeks to comprehend and transcend. In effect, to study the human spirit, not in the abstract but within the matrices of human development, is not only to take our physical existence seriously; it is also implicitly to study certain aspects of the physical universe and what lies beyond it. To give such a statement a context and make it more plausible, consider the placing of the human person in the universe.* (tradução própria)

¹¹² WONDRAČEK et al., 2012, p. 29.

¹¹³ WONDRAČEK et al., 2012, p. 30.

¹¹⁴ WONDRAČEK et al., 2012, p. 31.

¹¹⁵ LODER, 1998, p. 9. (...) *by which an intelligible comprehension of this inherently relational universe is constructed and human personality itself develops, there is an ultimate ground for the human spirit; [...]* (tradução própria)

Em outras palavras, o olhar teológico sobre a natureza proporciona esse fundamento, e assim recoloca o diálogo teologia-ciência num patamar muito mais profundo, considerando uma dupla ordem – contingente e divina. Com o olhar teológico sobre a natureza, Loder busca este fundamento.¹¹⁶

Ao explicar tais ordens, Wondracek et al. clarificam que:

*A ordem contingente se refere ao desenvolvimento humano e no do universo – cheia de acasos e possibilidades de desordens – e mantém suas próprias leis, mas é dependente da segunda – a divina – “a ordem redentora, inspiradora, interveniente e acolhedora da ação de Deus na criação”.*¹¹⁷

No entanto, como comentam os autores, o espírito humano sozinho não consegue conceituar esse duplo processo, pois sem o Espírito Santo, o homem é um “poço de criatividade sem direção”¹¹⁸ O único modo de encontrar as respostas mais essenciais é quando ele se volta ao poder original, ou seja, à Deus. E abre seu espírito humano ao Espírito Santo.

Esse grito do espírito que só pode ser respondido pelo Espírito Santo, e se aplicarmos sua teoria, vislumbramos o espírito desconectado com o Espírito, podendo manifestar: as depressões, os comportamentos autodestrutivos, a agressividade desenfreada, a intolerância ante o diferente, a eterna insatisfação com a vida e até mesmo os atos extremos de suicídio, tão frequentes nos últimos tempos, até mesmo entre crianças e adolescentes.

2.4 Fundamentos do Desenvolvimento humano e a “Lógica do espírito”

No livro *Desenvolvimento humano na Lógica do Espírito: Uma introdução às ideias de James E. Loder*, na subseção “A fundação do ego: os quatro organizadores do psiquismo segundo a lógica do espírito” Wondracek et al. sintetizam a teoria de Loder, correlacionando o desenvolvimento humano normal à lógica do espírito.

Além de se embasar nas teorias de Freud e Erikson, Loder também se respalda no psicanalista René Spitz, que em seu livro *O Primeiro ano de Vida*¹¹⁹, menciona inúmeros assuntos da teoria psicanalítica, “para mostrar o que acontece no primeiro ano de vida”¹²⁰.

¹¹⁶ WONDRAČEK et al., 2012, p. 32.

¹¹⁷ WONDRAČEK et al., 2012, p. 32.

¹¹⁸ LODER, 1998, p. 12.

¹¹⁹ SPITZ, René. *O primeiro ano de vida*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

¹²⁰ SPITZ, 1998, p. XIII.

Para este pesquisador, a fundação do ego se dá através de quatro organizadores que se sucedem nos primeiros dezoito meses de vida: a boca, a face, a angústia e o “não”.

O primeiro organizador é a boca, através da qual o bebê se organiza nos primeiros três meses¹²¹. E ao ser amamentado:

o bebê não apenas ingere comida, mas tenta ingerir o ‘mundo’, para que este faça parte dele. Nutrição, em outras palavras, é a prática da relação de amor, de um corpo que se doa para outro corpo carente – e aqui está a matriz que será profundamente ressignificada no “Isto é meu corpo” da Santa Ceia ou Eucaristia. Jesus Cristo assenta na relação primeira – mãe que dá o próprio corpo ao bebê.¹²²

Sequencialmente aos três meses de vida do bebê acontece uma mudança muito importante e significativa: “a passagem do padrão fisiológico (mundo pela boca) para o padrão relacional a partir da face”.¹²³

Spitz comenta que quando o rosto humano torna-se preferido a todas as outras coisas do ambiente,

Nessa ocasião, o progresso da maturação física e do desenvolvimento psicológico do bebê permite-lhe coordenar pelo menos uma parte de seu equipamento somático e usá-lo para a expressão de uma experiência psicológica, ele agora responderá ao rosto humano com um sorriso. [...] esse sorriso é a primeira manifestação comportamental, ativa, dirigida e intencional.¹²⁴

A face torna-se o interesse principal da criança, Wondracek afirma: “a face, então, o centro pessoal que é instintivamente buscado pela criança, e seu primeiro foco de sua noção do que seja um ser humano”¹²⁵. E a importância da face é grande, pois Loder postula quanto à face que “essa relação se torna muito rica no contexto do cristianismo: o auto entendimento da pessoa convicta combina o senso da presença pessoal e da ordem transcendente”¹²⁶, com grandes alcances:

Na linguagem de Erik Erikson, há aqui um núcleo de confiança na face amada que inicia e se estabelece na criança. Para o bebê, o abraço e o olhar da mãe é a própria ordem cósmica, na qual ele se sente inserido e tem sua identidade confirmada.¹²⁷

Loder dá muita importância ao terceiro organizador: a angústia.

¹²¹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 51.

¹²² WONDRAČEK et al., 2012, p. 52.

¹²³ WONDRAČEK et al., 2012, p. 52.

¹²⁴ SPITZ, 1998, p. 87.

¹²⁵ WONDRAČEK et al., 2012, p. 53.

¹²⁶ WONDRAČEK et al., 2012, p. 55.

¹²⁷ WONDRAČEK et al., 2012, p. 53.

Dos seis e nove meses, surge o terceiro organizador: a angústia. O bebê humano, nascido em relação com a mãe e funcionado a princípio com ela, experimenta angústia perante a percepção do seu possível desaparecimento. A angústia funciona como alarme que prepara o ego para esta possibilidade, [...] o centro da personalidade é deslocado de uma postura integrativa (boca, sorriso perante a face) para uma postura defensiva (separação e ruptura).¹²⁸

E finalmente, o quarto e último organizador proposto por Spitz, e aceito por Loder, diz respeito ao “não”.

Se nos tempos anteriores o bebê expressa sua angústia pelo choro e outras reações psicossomáticas de desprazer (cólica, vômito), em torno dos quatorze meses, o ego do bebê se capacita a reagir defensivamente perante esta angústia, pelo mecanismo de formação reativa. Esta consiste em sentir, dizer ou fazer exatamente o contrário do que se deseja, com a energia que seria usada para o primeiro impulso.¹²⁹

O “não” é de extrema importância para a organização mental da criança, e esse fato é notório aos psicólogos e estudiosos do desenvolvimento humano. Mas também tem implicações espirituais. Wondracek pontua que “a aquisição do não, para Loder, é um movimento espiritual de proporções existenciais, pois dá o alicerce para a repressão primária que separa o consciente do inconsciente e delimita de forma definida o interior e o exterior”¹³⁰.

2.5 Considerações Finais

Loder propõe em seu livro *The Logic of the Spirit*, uma possibilidade inovadora e surpreendente, a ótica bidimensional, que norteará a apreciação do desenvolvimento humano numa perspectiva que contempla o ser humano como físico, mental e espiritual.

Loder não despreza os avanços das ciências naturais, mas apresenta um complemento teológico para cada uma delas, na busca de trazer respostas que as ciências naturais sozinhas não acharam até então.

Loder clarifica que apesar de todos os avanços científicos que proporcionaram ao ser humano conforto físico e entendimento emocional, ainda há a busca inegável do homem em descobrir um sentido e propósito para sua vida, e para essas perguntas, só uma antropologia teológica pode dar respostas. Se não houver a religação entre espírito humano e Espírito Divino, o homem está fadado a uma existência frustrante e sem sentido.

¹²⁸ WONDRAČEK et al., 2012, p. 55.

¹²⁹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 56.

¹³⁰ WONDRAČEK et al., 2012, p. 57.

Uma antropologia fundada teologicamente, como propõe Loder, implica em que esta última defina a partir dos seus pressupostos o que é um ser humano.

Em cada idade o ser humano cresce e desenvolve-se, não somente no âmbito emocional como propuseram Freud e Erikson, mas também na lógica do espírito. Considerando que na “lógica do espírito” a proposta de Loder é a concepção do ser humano possuidor de uma característica peculiar, que é o poder expansivo de se autotranscender, transformando todos os obstáculos como veículos para alcançar horizontes mais largos e altos.¹³¹

Elaboramos o capítulo seguinte, intitulado Teologia e Psicologia – Três Propostas Práticas, com um formato diferenciado, buscando fornecer material tanto para estudo quanto para realização de palestras, dirigido a leigos, a fim de apresentar na prática a teoria da “lógica do espírito”, enfatizando tanto o potencial de ação do espírito humano, quanto a transformação que o espírito humano pode sofrer ao se abrir para o Espírito Santo.

¹³¹ LODER, 1998, p. 33.

3 TEOLOGIA E PSICOLOGIA: TRÊS PROPOSTAS PRÁTICAS

O objetivo dos capítulos anteriores foi o de embasar a infância em duas perspectivas: psicológica e teológica. Nesse terceiro capítulo, há o desejo de contribuir de modo prático, o que é um dos alvos do Mestrado Profissional, no entendimento da infância, simultaneamente a partir da teologia e psicologia.

Pretendemos através da teoria de James Loder, em diálogo com a psicologia, auxiliar pais, educadores infantis e demais interessados, no entendimento da “lógica do espírito”, a fim de aguçar suas percepções acerca do potencial de ação do espírito humano, e da ação transformadora efetuada pelo Espírito Santo na vida dos pequeninos.

Para tanto, elaboramos esse capítulo num formato diferenciado, pois o objetivo é fornecer material para a realização de estudos e palestras, dirigidas inicialmente a leigos, e que possibilitem o entendimento de que o espírito tem uma lógica própria, que se manifesta desde a mais tenra idade. Salientamos que a “lógica do espírito” se manifesta no espírito humano, agindo tanto na identidade e semelhança com o Espírito Santo, como na ação transformativa do Espírito Santo no espírito humano, o que é decisivo no desenvolvimento da personalidade.

Para essa finalidade, não utilizamos a linguagem acadêmica como até então, mas uma linguagem popular que se faça inteligível aos leitores e ouvintes leigos.

As notas de rodapé remeterão o leitor aos capítulos iniciais dessa dissertação, as referências utilizadas foram destacadas nos capítulos anteriores.

Este material estará disponível para todos os que reconhecem a complexidade do ser humano, entendendo-o como corpo, alma e espírito. E constatam que, ao contrário do que acreditam muitos teóricos da psicologia, não há destinos que não possam ser mudados, a partir da abertura para a ação do Espírito Santo.

As palestras subsequentes serão intituladas: CUIDADO MATERNO – “*A face da mãe hoje e a Face de Deus amanhã*”; TEO-PSICOLOGIA E INFÂNCIA – “*O ego e o espírito na vida da criança*”; FÉ x OBRAS: “*O que estimular em seu filho em idade escolar*”.

3.1 CUIDADO MATERNO – “*A face da mãe hoje e a Face de Deus amanhã*”

O objetivo dessa palestra é o de trazer aos pais e líderes infantis, a importância do cuidado materno para a criança, desde seu nascimento. Lembrando que esse cuidado não cabe somente à mãe, mas também ao pai e todos os interessados no bem-estar deste pequenino.

Em uma etapa surpreendentemente precoce, a vida do bebê sofre uma mudança significativa e de extrema relevância. Ele deixa de buscar “entender” o mundo pela boca, e passa a buscar pela face da mãe, “descobrir” seu lugar no mundo.

De modo prático, podemos verificar esse movimento, quando o bebê busca a face da mãe. E instintivamente, a mãe amorosa lhe sorri, e ele responderá com um sorriso.

Os psicanalistas descrevem essa situação como uma relação em espelho, e só surgirá o sorriso da criança se a mãe inicialmente lhe sorrir. E essa relação em espelho é muito importante para os relacionamentos futuros, já que a criança beijará, se receber beijos dos familiares; só manifestará carinho, se for acarinhada pelos familiares, e assim, sucessivamente.

A partir desse momento, a face do adulto, passa a ser o centro do interesse da criança¹³². A face é instintivamente buscada, pois a conscientiza da noção do que é ser um humano. A mãe, refletindo seu rosto ao bebê, lhe informa, emocionalmente, a qual espécie pertence. Ele sabe que é humano pela contemplação da face da mãe, ele sabe que é filho dessa pessoa amorosa que cuida dele.

Os olhos amorosos da mãe, seu abraço e carinho, tem uma importância muito grande para o bebê, pois estabelece o que o psicanalista infantil Erik Erikson¹³³ chamou de “confiança básica” que muito decidirá sobre o futuro espiritual da criança e sua relação com Deus. É justamente através da face amada da mãe, que a criança aprende a confiar. Para o teólogo James Loder, a face da mãe também é para o bebê a representação da ordem cósmica, no sentido de que ele em conexão com a mãe sente que pertence à uma realidade maior, sente que faz parte de um plano maior. É através da face da mãe que ele se sente inserido no universo, e tem sua identidade confirmada.

¹³² Vide capítulo 2, seção 2.4.

¹³³ Vide capítulo 1, seção 1.4.

Loder aponta diferentes estudos que mostram a importância da face para os seres humanos. Ele cita o psicanalista Jung, que vê na face o arquétipo do bem-estar, pois é redonda e seu centro indica um formato de cruz; A face também é significativa para o cristianismo: o filósofo e teólogo Justino Martyr, do século II, defendia que a cruz está impressa no ser humano, inclusive em sua face.

Nesse contexto, isso equivale ao entendimento de que através da experiência primária com a face materna, simbolicamente, há a abertura para a experiência com a Face de Deus. Assim a mãe prepara a criança para a mensagem cristã: Jesus Cristo é reconhecido como a Face de Deus, e contemplando a Ele, o ser humano sabe a que espécie pertence, a dos filhos e filhas de Deus.

Na secção seguinte comentaremos os demais organizadores psíquicos do bebê, mas agora, somente citaremos que aproximadamente dos seis aos nove meses, surge a experiência da angústia perante faces estranhas¹³⁴. Todos os bebês se angustiam ante a possibilidade da ausência da face amada que lhes forneceu tantas experiências positivas.

O bebê sente esse risco como um “não”¹³⁵ dos pais a seu valor. Esse “não” é sentido internamente pelo bebê como o abandono da mãe, a falta do seu amor. Isso lhe causa a esmagadora sensação de solidão e vazio, que pode impedir a composição do ego e a perda de si mesmo.

Loder postula que a mãe é para a criança aquela que lhe diz que é amada, desejada e especial, a mãe dá ao bebê tudo o que ele precisa. Mas quando se depara com rostos estranhos, percebe que não é automático estar sempre conectado à mãe. A criança percebe que a mãe pode ir embora. Isso provoca um movimento de antecipação da independência, a formação de um ego que possa se proteger dessa possível ruptura.

Esse temor cria no bebê a capacidade do bebê de dizer “não”, e isso é fundamental para organizar o ego. Frente à angústia sentida pela possibilidade do “não” dos pais, a criança contraria a seu próprio desejo de proximidade e diz “não”, antes que os pais o façam. Loder comenta que nesse momento o espírito humano teme perder contato com seu criador, ele se angustia pela possibilidade de viver num mundo solitário. Então diz “não” ao desejo de fundir-se com a mãe. Mas, mesmo ao dizer “não”, o sentimento interior de solidão no bebê

¹³⁴ Vide capítulo 2, secção 2.4.

¹³⁵ Vide capítulo 2, secção 2.4.

não desaparece, e tem como consequência uma profunda sensação de vazio cósmico, ou seja, de vagar sozinho num mundo solitário.

Esse desejo por alguém que não vá embora é algo que todos temos, e se manifesta nas sensações de vazio e solidão. Esse anelo inspira filosofias, poemas e canções. “O segredo secreto”, diz Loder. Só a Face de Deus é que pode suprir essa necessidade emocional-espiritual.

É por isso que ao longo da vida, todos sentimos o anseio, não de retornar para aquela relação mãe-bebê que aconteceu no início de vida, mas para o sentimento de completude que aquela experiência nos concedeu.

Essa experiência não é só emocional, mas tem alcances espirituais. Buscamos um lugar no cosmos. Alguém que nos reconecte com um sentido maior. Alguém que nos ame e que não vá embora.

A solidão de todos nós enquanto bebê se manifestará por toda nossa existência. E se mostrará de diversas formas, frente a situações de crise, seja na infância, adolescência, na meia idade e também na velhice. Nossa solidão e vazio nos impulsionarão a buscar pertencer a algo e à Alguém. E se manifestará em nossas aspirações e realizações, nas aquisições intelectuais e na criação da cultura “O espírito humano desassossegado busca formas de superar a profunda cisão na sua base”¹³⁶.

Esta é mais uma evidência, para Loder, que “há algo teologicamente anormal no assim chamado desenvolvimento normal do ego”¹³⁷. E essa “anormalidade” da condição humana só pode ser corrigida no relacionamento com o Divino.

Durante toda nossa existência buscamos uma face que nos recorde quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Loder salienta que “por isso há uma profunda busca pela face que fará pela pessoa adulta o que a face da mãe fez para a criança”¹³⁸.

A “lógica do espírito” proposta por Loder, clarifica que o espírito humano, é quem nos impele para fora do egocentrismo e da autodestruição, em direção ao Único que pode verdadeiramente conceder-nos sentido e propósito em viver. O encontro espírito humano-Espírito Divino reconecta o ser humano com seu Criador, dando-lhe sentido e coerência de vida.

¹³⁶ WONDRAČEK et al., 2012, p. 29.

¹³⁷ LODER, 1998, p. 94.

¹³⁸ LODER, 1998, p. 94.

Concluo enfatizando que cabe a nós, adultos reconhecer essa verdade em nossas vidas e ajudar nossas crianças a preencher seus vazios interiores e solidão. Como? Apresentando-lhes a Face de Deus na pessoa de Jesus Cristo.

3.2 TEOLOGIA E PSICOLOGIA – “*O ego e o espírito na vida da criança.*”

“Quando nasce um bebê inicia uma situação de crise”.

Talvez você como pai, mãe ou educador infantil, ache essa frase muito negativa e ousada, e chegue mesmo a desacreditar da veracidade dela, mas podemos explicar.

A crise pode ser visivelmente constatada, quando a jovem mãe entra num estado diferenciado, é como se ela se afastasse do mundo e criasse um mundo à parte, em que somente ela e seu bebê habitam. É um verdadeiro estado de “enamoração”, nada nem ninguém é tão importante como um para o outro.

E esse momento, que idealmente deveria durar em torno de quatro meses, é profundamente importante para o recém-nascido que necessita de um “auxílio” que entenda o que ele mesmo não entende e supra necessidades que nem ele sabe bem quais são, tais como a questão de alimentação, sono, temperatura ambiente, higiene, cólicas e inúmeras outras.

Nesse momento, a mãe deixa de lado seu papel de esposa – o que pode gerar até crise no casamento - para se dedicar totalmente ao bebê.

Caso haja outros filhos, é esperado que essas crianças também precisem se readaptar a esse novo membro da família, que só sabe chorar e dormir e exige a presença da mãe o tempo todo. Então crises como ciúme, choros, birras e comportamentos regredidos também são esperados nos irmãos mais velhos.

Mas, por melhor que o ambiente familiar seja e por mais que haja condutas corretas no grupo familiar, é inevitável que o bebê também reaja manifestando crises¹³⁹ frente a essa nova realidade em que está inserido.

Uma das crises mais marcantes que acomete o bebê é a crise frente à ruptura da dependência com a mãe.

A ruptura de dependência é necessária e inevitável, pois do nascimento até os quatro meses há uma relação simbiótica entre mãe e bebê, em que o bebê está fusionado com ela.

¹³⁹ Vide capítulo 1, secção 1.3.

Essa ruptura não é a separação física ou emocional com a mãe, mas sim a quebra da simbiose, quebra daquele estado de “enamoramamento” que foi mencionado anteriormente.

Por mais dolorosa que seja essa quebra para mãe e bebê, ela é fundamental. Por um lado para a mãe, que a partir dessa separação começa a retomar sua vida, como: casamento, atenção aos outros filhos, trabalho, vida social. Já para o bebê, essa ruptura não é menos dolorosa, mas extremamente importante, pois, culmina com a possibilidade de fundar seu ego e adquirir autonomia¹⁴⁰.

No desenvolvimento do bebê, em todos seus progressos e aquisições posteriores haverá a busca de elaborar essa perda e renúncia. Ou seja, para prosseguir não somente em seu desenvolvimento emocional, mas também como ser humano, o bebê precisa caminhar da dependência absoluta para a autonomia gradativa, e para conseguir tal proeza, é fundamental a negação dessa dependência com a mãe.

Ele precisa negar seu anseio por ter sempre consigo essa face amada. A mãe é a face que lhe satisfaz não somente no aspecto físico (como alimento, conforto, higiene), mas também, nos aspectos emocionais (como na formação do sentimento de ser especial, auxiliando na construção de sua identidade e autoestima) e ainda no espiritual, antecipando a ele experiência de estar conectado com a fonte de vida.

Muitos podem estar se perguntando: “Mas como a mãe pode ajudar na espiritualidade do filho?”.

A mãe que consegue suprir satisfatoriamente seu bebê, lhe favorece futuramente a desenvolver uma vida espiritual saudável, já que ela é a primeira representante da figura de Deus¹⁴¹. O bebê buscará inicialmente na mãe, e quando crescer em Deus, alguém que lhe supra com amor e satisfaça suas necessidades.

O cuidado materno satisfatório remete o ser humano a buscar Alguém que é onipotente, onisciente e onipresente. Pois, na fantasia do bebê, a mãe é a mais forte, é a única que conhece todas as coisas e que está presente em todos os momentos. E esse é exatamente o modo como entendemos que Deus faz conosco.

A ruptura da separação surge como resposta ao medo do possível desaparecimento da mãe, da possibilidade dos pais negarem sua presença. E frente a esse medo vem uma forte

¹⁴⁰ Vide capítulo 2, secção 2.4.

¹⁴¹ Vide capítulo 1, secção 1.4, subsecção 1.4.1.

angústia¹⁴², por volta dos seis – oito meses de vida. Juntamente com a angústia, vem o vazio, e o bebê antecipa o “não” dos pais, ele não entende “como” a mãe que organizou sua personalidade pode ir embora. Isto se torna uma questão de significado existencial.

De modo prático, percebemos esse movimento do bebê, quando na busca de negar essa dependência, e sanar seus sentimentos de angústia e vazio, o bebê começa a verbalizar o “não”¹⁴³.

Entendo que para os pais, é outra crise a negação da criança.

É muito frustrante para pais amorosos vivenciar momentos como estes: “Dá um beijinho na mamãe?” “Não”. “Vem com o papai?” “Não”. “Neném quer papá?”, “Não”. “Vamos tomar banho?” “Não”.

E por aí vai, e conseqüentemente os pais se desesperam e não sabem o que fazer, se indagando: “o que faço agora, respeito a vontade do meu pequeno filho ou faço o que sei que é bom para ele?”

Eu respondo: essa negação do seu bebê, não é a recusa em te amar, te respeitar, ou falta de fome, ou prenúncio de que teu bebê será como o “Cascão” do gibi da Turma da Mônica.

Esse “não” é simplesmente uma resposta à necessidade interna da dependência da mãe, uma questão emocional e própria de todas as crianças. O que se confirma quando, ainda que o bebê diga “não” inicialmente, daqui a poucos minutos, ele aceita a papinha, ele brinca no banho ou ainda sorri feliz, quando os pais o beijam e afagam.

Quando diz “não”, a criança está buscando se diferenciar da mãe e separar seu ser do dela. E esse é o caminho para a construção de um ego autônomo. Somente a partir do “sepultamento” da dependência é que se manifestará o ego autônomo. Mas ao lado do ego autônomo, o espírito humano continua a expressar o anseio pela ligação com o autor da vida. O espírito pode ser entendido como uma força que busca seu ponto de apoio fora de si. O ego autônomo ajudará o espírito a expressar esse desejo de modo coerente e significativo. Se levar em conta ao mesmo tempo a dimensão teológica e psicológica, a palavra ego tem como competência além da personalidade, ainda a linguagem, a inteligência, o julgamento moral, enfim, aquelas habilidades adaptativas que só definem e reconfiguram o ser humano quando cruzadas com o eixo espiritual.

¹⁴² Vide capítulo 2, seção 2.4.

¹⁴³ Vide capítulo 2, seção 2.4.

Logo, o ego seria originalmente uma defesa frente ao desamparo – quebra da simbiose com a mãe. Mas não tem a palavra final, pois simultaneamente o espírito humano abre ao transcendente – o que pode ser entendido futuramente como a busca do ser humano por Alguém que o apoie, Alguém que lhe diga quem é e que o ame como sua mãe o amou.

De modo prático, podemos entender que a abertura ao transcendente se manifesta desde a infância até o fim da vida. Durante toda a existência humana, o espírito humano expressa o forte desejo de se relacionar com face amada. O bebê se sente solitário sem a mãe e nós adultos, sentimos solidão quando excluimos Deus de nossas vidas¹⁴⁴.

Diante desses fatos, vocês podem se perguntar: “Como podemos ajudar nossas crianças a saírem de suas crises?”

Evitar as crises é impossível, mas ajudá-las a superá-las do melhor modo, é possível. Como? Apresentando-lhes Deus.

Os inúmeros “porquês” das crianças devem ser respondidos considerando suas demandas intelectuais, emocionais e espirituais, pois, se agirmos com sinceridade, admitiremos que até hoje, como adultos, também temos inúmeras indagações a respeito da coerência e do significado da vida. Quantas vezes nos perguntamos qual o sentido e o propósito de viver?

E quantas vezes, para aquietar nossos anseios e questionamentos precisamos lançar mão da fé? Deus é o único capaz de nos trazer paz e tranquilidade na mente e no espírito, frente ao desconhecido.

Essa é a lógica do espírito, que por baixo do desenvolvimento do ego autônomo, continua a buscar responder as questões últimas, esquadrinhando a vida em busca de sentido e coerência¹⁴⁵.

As perguntas que começam na infância tem como base o anseio de se relacionar com alguém que não vai embora, com Alguém especial. A crise do infante pode ser sanada se nós lhes dissermos que há um Deus, que o ama e cuida, invisível, mas real, e que nunca vai embora.

O bebê e também nós adultos, somos constituídos por essa “lógica do espírito”, e essa verdade pode ser reconhecida quando intimamente fazemos perguntas existenciais,

¹⁴⁴ Vide capítulo 2, secção 2.2.

¹⁴⁵ Vide capítulo 2, secção 2.5.

escrevemos ou lemos poemas, ouvimos músicas, buscamos respostas em teorias científicas e filosóficas, enfim, perscrutamos o universo, e para que?

Sempre no anseio por uma Face que responda as nossas questões mais profundas, que sacie os nossos questionamentos pelo sentido da vida e pela inserção numa realidade maior.

E esses anseios e questionamentos que brotam desde a mais tenra idade, nos preparam para acolhermos em nossa vida a única Face que não vai embora, que não se afasta nem na hora da morte, que não nos rejeita. Somente numa relação com a Face de Deus na pessoa de Jesus Cristo é que encontraremos o sentido da vida e o propósito de nossa existência.

3.3 FÉ x OBRAS: “O que estimular em seu filho em idade escolar”

A questão de fé e obras é algo muito interessante, e tem provocado muitos debates.

Mesmo hoje, nós adultos, conhecedores do Evangelho, vivendo na graça, temos dificuldades quando surgem questões referentes a fé e obras.

Acredito que tal dificuldade venha do fato de que desde pequeninos, temos a sensação de que para sermos amados, precisamos “fazer por onde”; para sermos abençoados, precisamos “merecer” a benção; e que só temos valor, quando “mostramos serviço”¹⁴⁶.

Por mais inconfessáveis que sejam esses pensamentos, não podemos negar o quanto eles norteiam nossa vida espiritual e afetiva.

Quantos corajosos temos aqui, para admitir que buscamos, sim, nos respaldar em obras para garantir nossa salvação?

E por mais vergonhoso que seja admitir isso, não podemos negar que perpetuamos em nossas crianças essa pesada carga espiritual e afetiva.

Como seria bom e agradável se tomássemos conhecimento racional, emocional e espiritual de que vivemos na era da graça, na era do amor incondicional de Deus por nós, independente de nossas falhas.

Nessa palestra temos por objetivo clarificar que é justamente na idade escolar que precisamos trabalhar com nossas crianças a importância da questão *fé e obras*, essa questão

¹⁴⁶ Vide capítulo 1, seção 1.4, subseção 1.4.4.

certamente influenciará toda a vida espiritual e emocional de nossos filhos e seu relacionamento com Deus.

A idade escolar é o momento certo para instruir nossas crianças no entendimento de que são amadas por Deus simplesmente pelo que são, e não pelo que produzem, como lhes é passado na escola e até mesmo por nós, enquanto pais e educadores infantis.

A criança na faixa etária que vai dos 6 aos 12 anos, geralmente está às voltas com a escola, e é chamada por estudiosos e teóricos como: *criança em idade escolar*.

Na Psicologia, o autor Erik Erikson propõe em sua teoria do desenvolvimento humano¹⁴⁷, que todos precisam enfrentar situações de crise ao longo de sua vida. Na idade que vai dos 6 aos 12, a criança precisa enfrentar dois polos opostos: “operosidade *versus* inferioridade”¹⁴⁸.

Esse termo “operosidade” significa a capacidade de realizar coisas, e nessa idade a criança buscará aprovação não apenas no olhar dos pais, mas também nas atividades que se propõe a desenvolver. A criança em idade escolar busca ser competente no que realiza.

Se receber aprovação social se sentirá bem e aceita.

Entretanto, se não conseguir ser eficiente, se sentirá inferior aos outros, com baixa autoestima, diminuída e se retrairá.

Nessa faixa de idade, a criança ingressa na escola. E conseqüentemente já faz o intercâmbio entre o mundo externo e o interno, e desenvolve emocionalmente uma barreira entre o mundo infantil e a vida presente. E essas e outras competências, tendem a impelir a criança para frente, tornando-a aberta ao conhecimento do mundo e simultaneamente à elaboração de seus anseios.

Na Teologia, o autor James Loder propõe em sua teoria da “lógica do espírito”, que nessa faixa de idade há uma outra dinâmica ocorrendo, que é a do espírito, que ocorre juntamente com a psicológica.

Além de valer pelas competências, a criança na fase escolar é capaz de desenvolver dois raciocínios: o literal e o mítico. O literal é a dimensão que tende à socialização e ao exercício das competências escolares. A criança torna-se racional, escolarizada e linear. Já estando apta a elaborar as operações complexas de raciocínio e julgamento da realidade.

¹⁴⁷ Vide capítulo 1, secção 1.4.

¹⁴⁸ Vide capítulo 1, secção 1.4, subsecção 1.4.4.

Por outro lado, o raciocínio mítico pode ser contemplado na imaginação e nos jogos, tão apreciados por crianças bem-estimuladas. É quando a criança fantasia e se engaja em comportamentos imaginativos, que treina o pensar analogicamente.

Por meio do pensar mítico o espírito humano, segundo Loder, transforma o conhecimento, e trabalha para incorporar as questões de socialização em patamares mais profundos. Com isso vai além das competências do fazer, ultrapassando as questões pontuais e tenta dar conta dos sentidos últimos, como a ameaça de sua não-sobrevivência e a superação dessa ameaça através do relacionamento com o Sagrado. Este o campo fértil para as narrativas bíblicas e as parábolas, através das quais a criança se depara com a dimensão não visível e não mensurável da vida, que está para além da esfera do bem-realizar coisas.

A criança em idade escolar está apta a simultaneamente desenvolver-se nestas duas vertentes: a pedagógica – escola; e a espiritualidade – voltar-se ao Sagrado, a Deus.

Como pais e educadores cristãos, se assumirmos esse ensino, a criança já nessa fase perceberá que seu valor não vem do quanto ela faz: “Obras”, mas simplesmente pelo fato de que ela crê em Jesus como seu Salvador, e isso é estimular a “Fé”.

O encontro com o Deus transforma a criança, conduzindo-a a uma ordem de maior complexidade de ser em todos os aspectos, ou seja, a criança passa a entender que há uma figura forte em quem ela pode recorrer e confiar sempre.

Portanto, a importância dessa dupla dimensão durante a fase escolar é gigantesca.

Como Igreja, devemos conhecer que a criança na fase escolar necessita desenvolver seu potencial para tornar-se socialmente ativa e responsável na vida adulta.

Os pais devem incentivá-la na leitura, escrita e matemática, exaltando seus acertos e ajudando-a a perceber seus erros como obstáculos a serem superados.

Mas se somente nos contentarmos com o sucesso pedagógico, estaremos enviando nossas crianças a mensagem de que seu valor equivale ao quanto ela produz. Consequentemente, emocional e espiritualmente, lhes estaremos ensinando erroneamente que se não produzir, não terá valor. Com isso não lhes ensinaremos a verdade, de que: *“a salvação não vem pelas obras”* (Rm 11:6).

Não podemos infligir esse pesado fardo aos nossos pequeninos, e estaremos libertando-as quando lhes apresentarmos o amor de Deus. O modo como a criança entender seu valor perante Deus influenciará profundamente sua vida espiritual futura. Ao apresentar o

amor de Deus às nossas crianças, certamente elas crescerão em “*sabedoria e graça, diante dos homens e de Deus*” (Lc 2:40).

Portanto, como pais e educadores devemos incentivar nossas crianças a se empenharem academicamente, e em paralelo conduzi-las a se reconectarem com Deus.

As crianças em idade escolar que são incentivadas a relacionarem-se com Deus, certamente terão resposta para seus anseios, como: amor incondicional, cuidados constantes e intimidade com Alguém que não vai embora.

Assim, construirão suas identidades, conscientes de seu valor intrínseco, e já com 6 – 8 anos, terão a certeza de que “*quem crê será salvo*” (Mc 16:16), e “*sem fé é impossível agradar a Deus*” (Hb 11:6).

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capítulo 3 teve como alvo fornecer material de estudo e palestra dirigido a pais e educadores infantis. Nosso intuito, desde o início dessa dissertação, foi o de contribuir com o bem-estar físico, emocional e espiritual de nossas crianças.

Portanto, desejamos finalizar salientando algumas questões significativas:

Propomos que é fundamental para uma criança “*crescer em sabedoria e graça*” (Lc 2:40), um ambiente familiar que se baseie em *amor, limites e respeito*, ajudando nossas crianças a desenvolverem-se o máximo possível em suas capacidades e potencialidades.

Psicologicamente devemos entender que o *amor* deve ser canalizado para cuidar e zelar incondicionalmente por nossos pequeninos. O limite deve ser destinado a organizar a mente infantil, e o *respeito* serve para conceber cada ser humano como único, valoroso e incomparável.

Teologicamente podemos clarificar às nossas crianças que Deus as amou de tal forma que enviou seu primogênito, Jesus Cristo, a Face de Deus na Terra. Ele nos concede *limites* para organizar nosso caos de desejos egoístas e destrutivos, mas nos *respeita* profundamente, a ponto de bater à porta de nossos corações (Ap 3:20), sem jamais se impor por força ou violência.

Acreditamos que essa é a receita para formarmos crianças saudáveis física, psicológica e espiritualmente.

Para tanto, devemos conhecer e reconhecer que há uma lógica no espírito humano. Uma lógica que não se agrada do caos que se manifesta como uma existência sem sentido e vazia, mas deseja uma vida embasada na transformação em nova ordem, que pode ser entendida como uma existência que busca organizar-se na saída das crises, tendendo ao equilíbrio e à saúde, pois, como o Senhor falou: “*isso é bom*” (Gn 1:10).

Se tal como uma mãe que precisa nomear um objeto para seu filho conhecê-lo como tal, devemos enquanto família e sociedade, conduzir nossas perguntas e levar nossas crianças a buscarem como respostas, o Único capaz de satisfazer-nos plenamente.

O papel da família para a vida presente e futura da criança é gigantesco, desde o início da vida.

A confiança e cuidado deve existir sempre, pois, caso a criança seja negligenciada e demasiadamente frustrada, certamente não terá boas experiências maternas e não será satisfeita em suas necessidades, e conseqüentemente o resultado será o sentimento de profunda desconfiança das pessoas, do mundo e de Deus.

Para o bebê, a mãe ou quem cuida dele, é vista como um ser supremo, mágico, quase um “deus” onipresente, onisciente e onipotente. Capaz de fornecer tudo o que ele precisa para ser feliz.

Se houver amor e zelo desde o nascimento, ainda que a mãe se afaste, o que é necessário e inevitável, o bebê terá dentro de si sua confiança estabelecida. Ele experimentará o sentimento de esperança de que em breve a mãe voltará, pois isso já aconteceu antes e ela voltou.

Então ele começa a esperar que sua mãe volte e, quando isso ocorre com frequência, ele paulatinamente e ao longo de sua existência, tomará conhecimento de que Deus cuida dele, e Deus será conhecido como Aquele que nunca vai embora, nunca deixa de amar e cuidar.

Cabe a cada um de nós, através de nossas faces – condutas, atitudes e ensinamentos, servir como primeira representação de Deus para nossas crianças, e somente assim, elas terão futuramente uma relação amorosa e íntima com a Face de Deus e a pessoa de Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

A dissertação “*Vinde a Mim os pequeninos*” – uma contribuição Teológica e Psicológica ao estudo da Infância; nasceu de um ardente desejo em melhor entender os pequeninos, ajudando-os não somente no desenvolvimento psicológico, mas também no espiritual.

Como psicóloga cristã, recebo cotidianamente em meu consultório crianças depressivas, ansiosas, maltratadas, abusadas, violadas e com ideias suicidas, e me surpreende o fato de que inúmeras vezes, essas crianças não sofreram abusos físicos.

As agressões, às quais esses pequeninos foram submetidos eram agressões psicológicas e espirituais. Geralmente praticadas pelos familiares e pelas próprias igrejas.

Inquietou-me o receio de estarmos praticando com nossas crianças, o que é muito claro nas Escrituras: “Ai de vós, [...] que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, [...] Vós mesmos não entrastes e impedistes os que entram” (Lc 11:46, 52).

Esses comportamentos violentos, muitas vezes são praticados por pais e líderes infantis bem-intencionados, mas pouco informados, e como consequência, só conduzem nossas crianças para um relacionamento distante com o Pai.

A proposta de James Loder vem ao encontro de nossas questões mais íntimas e inquietantes. A ciência, por mais avançada que está, não conseguiu responder perguntas inerente a todos os humanos, como: “Porque estou vivo?” e “Qual o propósito em viver?”

Quando ignoramos o aspecto espiritual de nossas crianças, lançamo-las a uma existência vazia e solitária, e cultivamos comportamentos egocêntricos e autodestrutivos. E isso é justamente o que não queremos para nossos filhos.

Esse trabalho objetivou clarificar aspectos muito relevantes ao desenvolvimento psicológico, mas salientar que uma psicologia que desconsidera o teológico do ser humano é uma ciência incompleta.

A “lógica do espírito” evidencia que Deus, por meio da dádiva do espírito humano, opera na experiência humana. Se o homem não admitir essa operação, corre o risco de uma existência apática e insatisfatória.

Esta vida sem sentido não deve ser a última palavra sobre nossa existência, pois o espírito humano “não foi destinado a vagar solitário pelo universo, mergulhado em perguntas

infindáveis sobre o sentido da existência humana”¹⁴⁹. O espírito humano foi destinado à relacionalidade com alguém que lhe diga quem é e a que espécie pertence. Caso reconheça a Face de Deus em Jesus Cristo, e a ação do Espírito Divino no espírito humano desde o nascimento, senão antes, certamente a existência humana se encherá de alegria e motivação, de um empoderamento nas crises ao longo da vida.

Que esse trabalho sirva para ajudar pais, educadores infantis e demais interessados, a serem a face de Deus para nossos pequeninos. Que nossas atitudes, discursos e pensamentos, sejam coerentes com nossa prática cristã. Que verdadeiramente nos relacionemos intimamente com Deus, e assim sejamos modelos para nossos pequeninos também se empenharem na construção de um vínculo amoroso e saudável com a única Face que nunca vai embora.

¹⁴⁹ WONDRAČEK et al., 2012, p. 30

REFERÊNCIAS

- BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise: Introdução à Psicologia Psicanalítica*, 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.
- COSTA, Samuel. *Religiões & Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora SilvaCosta, 2008.
- DAVIDOFF, Linda. *Introdução à Psicologia*. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2001.
- ERIKSON, Erik H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FADIMAN, James; FRAZER, Robert. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: HARBRA, 1986.
- FRANKL, Victor E. *Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 30. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2011.
- FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. *Cartas entre Freud & Pfister (1909 – 1939): Um diálogo entre psicanálise e a fé cristã*. Trad. Karin H. K. Wondracek e Ditmar Junge. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2003.
- FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria: Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade e outros trabalhos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1972.
- KAPLAN, Harold; SADOCK, Benjamin; GREBB, Jack. *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckheim*. Disponível em: www.docstoc.com/docs/1051157/Leonardo-Boff---Terapeutas-do-Deserto. Acesso em: 25/05/2013.
- LODER, James. *The Logic of the Spirit: Human Development in Theological Perspective*. First Edition. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.
- MACHADO, S.; VASCONCELLOS, M. C. *Psicanálise e Psicoterapia de Orientação Analítica*. In: CORDIOLI, Aristides V. *Psicoterapias: Abordagens Atuais*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MIRANDA, Alex B. S. *O Desenvolvimento Humano na Perspectiva de Erick Erikson*. Disponível em: <http://artigos.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/o-desenvolvimento-humano-na-perspectiva-de-erick-erikson>. Acesso em: 25/05/2013.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Anthropologie in theologischer Perspektive*. Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

RABELO, Elaine; PASSOS, José S. *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>. Acesso em: 03/04/2012.

RIZZUTO, Ana-Maria. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

SALGADO, Marcelo A. *O significado da velhice no Brasil: uma imagem da realidade latino Americana*. São Paulo: SESC, 1982.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney E. *Teoria da personalidade*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

SIEGEL, Allen M. *Heinz Kohut e a Psicologia do Self*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=rYRMSFwyWIYC&pg=PA65&lpg=PA65&dq=FREUD+FIXA%C3%87%C3%83O+EX%C3%89RCITO&source=bl&ots=wVxK3sIkuh&sig=jscbV3uP0qzCHFQyWCRjqQQr_E&hl=pt&sa=X&ei=JEKbUdPHJbW8gTen4CAAQ&redir_esc=y#v=onepage&q=FREUD%20FIXA%C3%87%C3%83O%20EX%C3%89RCITO&f=false. Acesso em: 20/04/2013.

SPITZ, René. *O primeiro ano de vida*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WONDRACEK, Karin H. K. *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WONDRACEK, Karin; REHBEIN, Matthew. Entre o ego e o espírito: os dois mundos da criança em idade escolar. In: WACHS, Manfredo C. et al. (Org.) *Ensino Religioso: Religiosidades e práticas educativas*. VII Simpósio de Ensino Religioso da Faculdades EST e I Seminário Estadual de Ensino Religioso do CONER. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.

WONDRACEK, Karin; REHBEIN, Matthew L.; CARTELL, Letícia N.; *Desenvolvimento humano na Lógica do Espírito: uma introdução às ideias de James Loder*. 1. ed. Joinville, SC: Editora Grafar, 2012.

WONDRACEK, Karin; SEEWALD, Agnes. Espiritualidade na infância: uma aproximação teológica ao desenvolvimento humano. In: HOCH, Lothar C. et al. (Org.) *Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

Endereço na internet

www.slideshare.net/mlrehbein/slides-loder-ego-e-esprito-educ-rel

ANEXO 1

Contribuições de Erik Erikson:

1.4.5 Adolescência - 12 aos 18 anos: Identidade versus Confusão de Papel

Erikson esclarece que na adolescência a “preocupação é principalmente com o que aparentam aos olhos dos outros comparado com o que sentem que são, e com a questão de como associar os papéis e as habilidades anteriormente cultivadas com os protótipos ocupacionais do momento”¹⁵⁰.

Quanto mais bem vividas as crises anteriores, ou seja, quando a Confiança Básica, a Autonomia, a Iniciativa e a Indústria têm desfechos positivos, mais fácil se torna a superação da Crise de Identidade.

A tarefa é descobrir quem somos como indivíduos separados de nossa família de origem e como membros de uma sociedade mais ampla. Segundo Erikson, a “mente do adolescente é essencialmente uma mente ‘moratorium’, que é uma etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida no adulto”¹⁵¹. Lealdade e fidelidade consigo mesmo são características do desfecho positivo desta etapa.

Estes sentimentos sinalizam para a estabilização de seus propósitos e para o senso de identidade contínua. É frequente o desenvolvimento de forte devoção aos amigos e suas causas. E o relacionamento mais significativo é com grupos de pares.

1.4.6 Jovens adultos - 18 a 35: Intimidade e Solidariedade versus Isolamento

Com o fim da adolescência, a identidade geralmente está estabilizada, o ego mais fortalecido, e o indivíduo, conseqüentemente está preparado para buscar um novo alvo, o conviver com outro ego ou segundo Erikson, o fundir sua identidade com a de outro.

Logo, as uniões e casamentos surgem nesta etapa, já que o jovem adulto buscará em um companheiro(a) experimentar a intimidade em um nível profundo.

¹⁵⁰ ERIKSON, 1976, p. 240.

¹⁵¹ ERIKSON, 1976, p. 242.

Se as crises anteriores não tiveram desfechos positivos, a pessoa tende ao isolamento e à auto-absorção como forma de preservar seu ego frágil. O isolamento pode ocorrer por períodos curtos ou longos e a consequência é o distanciamento dos outros. Em caso de isolamento, é esperado que o adulto apresente como defesa, o sentimento de superioridade em relação aos outros.

Nessa etapa os relacionamentos mais significativos são com parceiros conjugais e amigos.

1.4.7 A Idade Adulta Intermediária - 35 a 55 ou 65: Generatividade versus absorção do Eu ou Estagnação

Erikson acredita que a generatividade é “fundamentalmente, a preocupação relativa a firmar e guiar a nova geração, (...) o conceito de generatividade abrange sinônimos mais populares, como produtividade e criatividade”¹⁵².

Se o adulto analisa sua vida e percebe como bom tudo o que produziu, se sente a necessidade de ensinar o que sabe, viveu e aprendeu, se existe a possibilidade de compartilhar seus ensinamentos, o adulto sente que deixa sua “marca no mundo”, então pode-se concluir que essa fase teve um desfecho positivo.

A generatividade também se manifesta através do desejo em cuidar de outras pessoas, de produzir algo que contribua para a melhoria da sociedade, além de ser criativo e significativo, e de ter uma família que o apoie.

Entretanto, caso essa fase não tenha bom êxito, prevalece a inatividade e a falta de sentido, o que pode conduzir à auto-absorção e à estagnação.

1.4.8 Fase de Adulta Final - 55 ou 65 anos à morte: Integridade versus Desespero

Erikson constata em seus escritos que essa última etapa é alcançada positivamente quando se consegue olhar para trás em nossas vidas com felicidade e contentamento, sentindo-se satisfeito, pois a vida tem sentido e de algum modo se contribuiu, quando há este sentimento se está diante da fase denominada por Erikson como integridade.

¹⁵² ERIKSON, 1976, p. 246.

Em relação à idade que avança até a morte, Rabelo e Passos enfatizam que:

Agora é tempo do ser humano refletir e rever sua vida, o que fez, o que deixou de fazer. Pensar principalmente em termos de ordem e significado de suas realizações. Essa retrospectiva pode ser vivenciada de diferentes formas. A pessoa pode simplesmente entrar em desespero ao ver a morte se aproximando. (...) São aquelas pessoas que vivem em eterna nostalgia e tristeza por sua velhice. A vivência também pode ser positiva, quando a pessoa sente a sensação de dever cumprido, experimenta o sentimento de dignidade e integridade. Existe ainda o perigo do indivíduo se julgar o mais sábio, e impor suas opiniões em nome de sua idade e experiência.¹⁵³

¹⁵³ RABELLO; PASSOS, s.d., p. 11.